

ANDRÉA ZAMORA BLIMUNDA
HANS CERVANTES
CHRIS TIAN GENE GATAFUNHO JULIÁN FUKS
ANDERSEN SHARP MIGUÉIS
MARIANA COUTINHO

Pedro Orce sentou-se no fundo do barco, na posição em que está não vê mais que o céu e o mar distante, se esta nave balouçasse um pouco julgaria que ia navegando, e então, quanto podem imaginações, representou-se-lhe uma ideia absurda que seria ser verdadeiramente navegante este barco petrificado, aos pontos de ser ele que consigo arrastava a península a reboque, não se pode confiar nos delírios da fantasia, claro que não seria impossível acontecer, outras acrobacias se têm visto mais difíceis, mas dá-se o caso irônico de ter o barco a popa voltada para o mar, nenhuma embarcação que se respeite navegaria alguma vez às arrecuas. Pedro Orce levantou-se, tem agora frio, e o cão saltou a amurada, são horas de voltar para casa, senhor meu amo, não tem idade para estas noitadas, não as viveu enquanto novo, agora é tarde. *Jangada de Pedra*

04

Ainda não leu o Quixote?
Que sorte a sua!
Editorial

06

**Leituras
do mês**
Sara Figueiredo Costa

11

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

17

Julián Fuks
Ricardo Viel

26

Gene Sharp
Sara Figueiredo Costa

35

**Rodrigues Miguéis/
Raul Brandão**
Vasco Rosa

51

O Esqueleto
Andréa Zamorano

56

**Livros do
Desassossego**
Mariana Coutinho

65

**Prémio Hans
Christian Andersen**
Andreia Brites

79

**And the winner
is...**
Andreia Brites

80

**Visita Guiada:
GATAfunho**
Andreia Brites

96

Espelho Meu
Andreia Brites

101

**Cervantes
em Lisboa**
Javier Rioyo

105

**A outra razão de
Alonso Quijano**
José Saramago

119

Agenda

O catedrático catalão Martí de Riquer, profundo conhecedor da obra de Miguel de Cervantes, costumava dizer que sentia inveja quando encontrava alguém que não havia lido a obra-prima do escritor espanhol. «Felicitó essa pessoa, e digo que ainda lhe resta na vida o prazer de ler o *Dom Quixote*!», dizia o filólogo falecido em 2013.

Mesmo quem nunca tenha aberto uma página de um livro de Cervantes conhece a história daquele homem «seco de carne» que um dia, de tanto ler livros de cavaleiros andantes e farto da sua medíocre vida, decide lançar-se em aventuras para tentar consertar o mundo e enamorar uma donzela. É o poder da literatura: fazer de um personagem de ficção algo tão real e duradouro como as maiores construções humanas.

Ainda não leu o *Quixote*? Que sorte a sua!

Segundo os biógrafos de Cervantes, foi durante o tempo em que esteve preso em Sevilha que o escritor concebeu e começou a construir a aventura de Dom Quixote. O escritor, que já havia estado durante cinco anos cativo em mãos de piratas em Argel (e tentando, sem sorte, fugir em quatro oportunidades), amargava mais uma temporada na prisão acusado de defraudar o Tesouro espanhol; enquanto sonhava com reconquistar a liberdade, imaginou a vida de um tipo comum que, farto de ser quem era, muda de nome e se inventa uma nova vida. Considerado o primeiro romance moderno, *Dom Quixote* é

também um hino à liberdade, à esperança e ao amor, escrito por alguém que se viu, durante vários momentos da vida, desprovido disso tudo.

Passados 400 anos sobre a morte de Cervantes a leitura da sua obra continua a ser um privilégio e um presente ao alcance de qualquer leitor curioso. A maior homenagem que se pode fazer a esse génio das letras é manter vivos os seus escritos. Descobrir e redescobrir os universos que criou, partilhar a experiência de mergulhar nas suas histórias, e provocar os novos leitores para que eles também possam sentir esse prazer: Ainda não leu o *Quixote*? Que sorte a sua!

Blimunda 47

abril 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,
746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

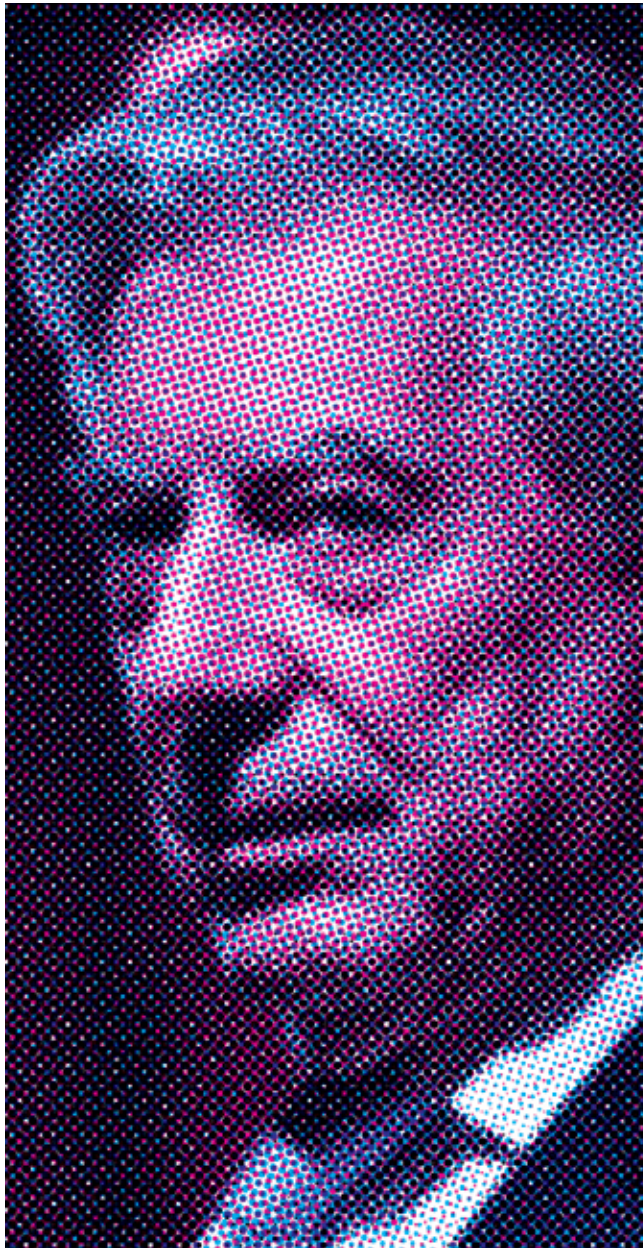
Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

A edição independente à conquista de leitores

A concentração editorial tem marcado o panorama do livro nos últimos anos, com grandes conglomerados empresariais a comprarem editoras até aí independentes e a mudarem profundamente o mercado livreiro, da edição à distribuição, da impressão ao retalho. Por outro lado, uma certa uniformização criada por estas mudanças tem sido contrariada pelo aparecimento de pequenos projetos editoriais, muitas vezes sem existência empresarial, que tiram partido da democratização dos meios de produção gráfica – hoje muito mais baratos e acessíveis do que há cinco ou dez anos – e da criação de redes de contactos e distribuição através da internet. O Brasil não é exceção a este cenário e um texto de Hallina Beltrão na *Revista Continente* dá conta dessa realidade: «De linhas editoriais e projetos estéticos diversos, esses novos grupos estabelecem pontos de contato relativos ao *modus operandi*, conhecem as vantagens e dificuldades de um negócio de pequena dimensão nesse ramo e buscam alternativas às opções de distribuição e divulgação mais tradicionais. Além disso, movidos por paixões literárias específicas, possuem um objetivo semelhante: diminuir possíveis “lacunas” deixadas pelas grandes empresas, lançando nomes estrangeiros pouco conhecidos no Brasil ou fazendo circular novos escritores nacionais.» A edição independente e de pequena escala



não se faz sem dificuldades, como se explica mais adiante no texto, mas o seu impacto no panorama editorial brasileiro já não é apenas residual e tudo indica que ganhará mais espaço num futuro próximo: «Para uma parcela desses editores, enquanto a produção é o momento prazeroso, a distribuição e a divulgação compõem a etapa dos obstáculos e, por vezes, aborrecimentos. Nesse contexto, as redes sociais são grandes aliadas para fidelização de leitores. Ao mesmo tempo, algumas livrarias fora das grandes redes também oferecem condições mais interessantes para as pequenas editoras, como é o caso da Blook, em São Paulo e no Rio de Janeiro. No entanto, a venda pelo próprio site tem sido a maior aposta desses selos, como comprovam a Luna Parque e a Chão da Feira.»



Dois nobel da literatura à conversa

Mario Vargas Llosa celebrou o seu 80.º aniversário em Madrid, na Casa de América, conversando com Orhan Pamuk. Os dois Nobel da literatura sentaram-se à mesa com Pilar Reyes, editora da Alfaguara, e o *El Cultural*, num trabalho de Fernando Días de Quijano, reportou o momento. «Después Vargas Llosa siguió recordando sus primeros pasos como escritor profesional. En aquella época, las editoriales españolas no estaban acostumbradas

a los americanismos, así que el corretor de Seix Barral castellanizó por completo el original de *La ciudad y los perros*, obra emblemática del boom latinoamericano. “No entendí mi propia novela cuando leí las pruebas. Convirtieron una novela realista en una novela surrealista, disparatada”. El escritor recuerda especialmente una frase: “¡Qué tal raza!”, que significa “¡Qué barbaridad!”. El corretor la sustituyó por “¿Qué tal, raza?”. Y así todo. Vargas Llosa se agarró “tal colerón” que tomó un tren a Barcelona. “Carlos Barral me apaciguó y me dijo que revisarían por completo el libro y que respetarían todos los peruanismos”. Aquello, que no le volvió a pasar, lo achaca Vargas Llosa al aislamiento cultural que sufrió España hasta finales de los cincuenta y que, entre otras cosas, provocaba “una visión de América Latina marcada por el desconocimiento” o que “en la universidad de Lima se supiera más de los debates entre Camus y Sartre que en las de España”. »

Para além das perguntas colocadas por Pilar Reyes, os dois escritores questionaram-se um ao outro. Num desses momentos, Vargas Llosa quis saber se a visão de Pamuk sobre o seu país era tão pessimista como parecia no romance *Neve*. «Pamuk respondeu que, efetivamente, es pesimista ante el avance que ha experimentado el islamismo político en Turquía en los últimos años y ha alabado los valores europeos de la democracia, los derechos humanos, la igualdad de la mujer y la libertad de expresión, aunque está muy disgustado con la Unión Europea

por su actitud ante la crisis humanitaria de los refugiados sirios. “Entre 2004 y 2009 participé en la campaña de promoción para que Turquía entrara en la Unión Europea. El proceso falló y ahora lo que veo me parte el corazón, creía que Europa tenía grandes líderes. Desde hace 200 años Europa se ha construido sobre las bases de la libertad, la igualdad y la fraternidad, pero ahora está construyendo muros contra la fraternidad”. Pamuk consideró lamentable que los líderes europeos – incluyendo a Merkel, que es la dirigente europea a la que más respeta – no critiquen el gobierno fundamentalista turco, que ha encarcelado a varios de sus amigos por motivos políticos, porque quieren que les haga el trabajo sucio, que construya un muro frente a la inmigración.»



Shakespeare e Cervantes

Passaram quatro séculos sobre as mortes de William Shakespeare e Miguel de Cervantes e o suplemento *Babelia*, do *El País*, não deixou passar a data em branco. Num dossier que pode ler-se online há textos de Antonio Muñoz-Molina, Francisco Rico ou Manuel Rodríguez Rivera, para além de Alberto Manguel, um conhecedor profundo da obra dos dois escritores, que assina o texto de capa, procurando pontos de contacto entre os dois gigantes da literatura universal. «Si queremos dejarnos llevar por nuestro impulso



asociativo, podemos considerar a estos dos escritores como opuestos o complementarios. Podemos verlos a la luz (o a la sombra) de la Reforma uno, de la Contrarreforma el otro. Podemos verlos el uno como maestro de un género popular de poco prestigio y el otro como maestro de un género popular prestigioso. Podemos verlos como iguales, artistas ambos tratando de emplear los medios a su disposición para crear obras iluminadas y geniales, sin saber que eran iluminadas y geniales. Shakespeare nunca reunió los textos de sus obras teatrales (la tarea estuvo a cargo de su amigo Ben Jonson) y Cervantes estuvo convencido de que su fama dependería de su *Viaje del Parnaso* y del *Persiles y Sigismunda*.» E sobre a hipótese de Shakespeare e Cervantes se terem conhecido, diz Manguel, quase a encerrar o seu artigo: «Probablemente no, pero si lo hicieron, es posible que ni Cervantes ni Shakespeare reconociese en el otro a una estrella de importancia universal, o que simplemente no admitiese otro cuerpo celeste de igual intensidad y tamaño en su órbita.»



Um novo espaço dedicado aos livros

Quando se discute regularmente a crise do jornalismo, também cultural, um grupo de escritores, jornalistas e gente ligada ao mundo dos livros em língua espanhola decidiu criar um site onde podem ler-se artigos, contos, resenhas e reportagens sobre este universo.

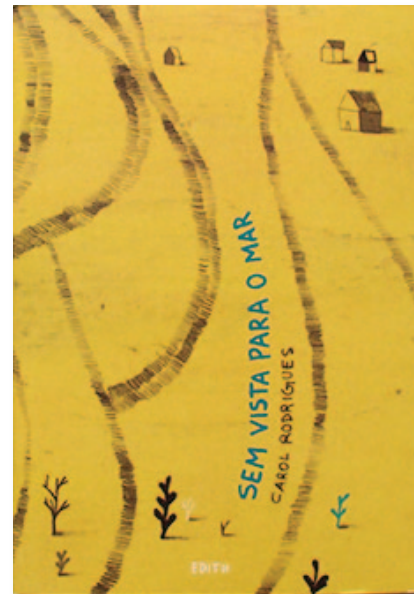


Com cerca de trinta colaboradores regulares, onde podemos encontrar os nomes de Luís Sepúlveda, Manuel Rivas, Daniel Mordinski ou Almudena Grandes, Zenda é um novo espaço no ciberespaço, um lugar onde os livros e a literatura são matéria tratada com respeito, tempo e lugar para a reflexão. A apresentação do projeto faz-se nas palavras de Arturo Pérez-Reverte, outro dos dinamizadores de Zenda: «La idea surgió en una charla entre varios escritores amigos. En un tiempo en el que la cultura y los libros atraviesan momentos difíciles, ¿por qué no crear un lugar nuestro, libre, independiente, donde reunirnos como si se tratase de un espacio público, cada cual con sus libros, sus comentarios o lo que esté en condiciones de aportar, unido todo eso a reseñas de libros interesantes, lecturas felices, columnas de opinión, blogs, recomendaciones, noticias y entrevistas? ¿Sería posible crear una especie de lugar o plaza común, de legión extranjera donde a nadie se le preguntara sino por libros y literatura, sin buenos ni malos, sin etiquetas ni ideologías? ¿Un lugar desde el que, incluso, orientar a los lectores hacia las revistas de libros y los suplementos culturales de los principales diarios españoles y americanos? ¿Un sitio donde lectores, periodistas, editores, escritores, agentes literarios, autores noveles, libreros y todos los interesados en el mundo de la literatura hispanoamericana se encontrasen cómodos y se relacionaran unos con otros?» Um site para visitar todos os dias.



Sem Vista Para o Mar
Carol Rodrigues
Edith

Topografia
experimental



Distinguido com o Prêmio Jabuti e com o Prêmio Biblioteca Nacional, no Brasil, este é o primeiro livro de Carol Rodrigues, autora brasileira da novíssima geração que se apresenta aos leitores com um conjunto de contos e narrativas breves. *Sem Vista Para o Mar* serve-se do mapa rodoviário do estado de São Paulo e de uma certa ideia de território descaracterizado, marcado por estradas onde camionistas, trabalhadores sazonais, gente errante e com pouca margem para sonhar acaba por vingar nos seus próprios lugares de desejo – contra tudo o que seria de esperar, talvez.

A linha sinuosa que conduz estes vinte e dois contos e narrativas breves, e que acaba por unir histórias aparentemente sem relação, não é apenas a que pode traçar-se num mapa rodoviário de São Paulo. Mais forte do que esse itinerário errante, o que une estes contos é uma certa ideia de perda, não brutal e perpétua, mas antes a perda nossa de cada dia, as pequenas derrotas, as pessoas que partiram, ou fugiram, ou decidiram ignorar-nos, os momentos que já foram. E, apesar disso, também as felicidades inesperadas. A prosa de Carol Rodrigues traça linhas gíngadas pela oralidade da língua, experimentando os limites da sintaxe e da pontuação, brincando com o ritmo, expandindo as possibilidades de escrever a partir do lugar onde a matéria da fala se encontra com o pensamento desordenado, o tempo suspenso de um olhar que vagueia, a vontade de encontrar

um rumo onde não há certezas, topográficas ou biográficas.

As personagens são fortes, mesmo quando a sua errância é a de quem ameaça fraquejar perante a incerteza ou o medo. O menino que cega olhando para o sol, o rapaz que foge para encontrar o primeiro amor longe de quem condena a sua orientação sexual ou o

homem que se descobre traído pela namorada e enfrenta a escolha da vingança são bons exemplos disso, confirmando que a brevidade de um texto não tem por que desmerecer a criação certa de personagens completos. E se nem todas as narrativas são de leitura imediata, algumas exigindo um e outro regresso, outras testando a plasticidade da linguagem de tal modo que o seu fio se perde no delírio de uma fala torrencial, nada retira a este pequeno livro a grandeza de uma novidade espantosa. O experimentalismo em torno da linguagem não é a novidade, certamente, mas é-o o modo como Carol Rodrigues se aproxima desse exercício de experimentação, arriscando, ultrapassando alguns limites e fazendo do risco um modo de a escrita respirar.

Um mapa pode ser guião para percursos orientados ou território fértil para a deambulação fantasiosa. *Sem Vista Para o Mar* faz do mapa rodoviário de São Paulo um território de existências múltiplas, o lugar do anseio por uma água salgada e aberta ao horizonte que nunca chega a experimentar-se, o espaço onde uma voz se afirma com segurança e promessas de futuro na literatura contemporânea do Brasil.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR



O Sr. Tigre Torna-se Selvagem

Peter Brown
Orfeu Negro

Depois de uma professora que parecia ser uma coisa e afinal era outra, é agora a vez de um tigre muito aculturado se sentir aprisionado. A libertação dos padrões designados por outros tem, no entanto, um lado positivo e outro negativo. E, por fim, uma inesperada surpresa. Mais uma narrativa implicada e subtilmente irónica do autor.



Vinilo. Historia ilustrada del disco

Mike Evans
Lunweg

Num livro essencial para compreender a divulgação musical, Mike Evans acompanha a história da música gravada em disco desde que Thomas Edison inventou o fonógrafo, em 1877, até à atualidade. Dos processos de gravação aos fenómenos de popularidade, Evans não deixa de fora nenhum dos momentos relevantes do percurso deste suporte que moldou a segunda metade do século XX, convivendo com os atuais suportes digitais.



O Deputado da Nação

Manuel da Silva Ramos e Miguel Real
Parsifal

Um romance a quatro mãos que acompanha as desventuras de Umbelino Damião, um quase pícaro que anda pelo Maio de 68 e pela Guerra Colonial, acabando a abrir um bordel em Lisboa e a patentear um creme milagroso feito com leite de burra. Uma sátira sem piedade a certa classe política assinada por dois escritores essenciais da literatura portuguesa contemporânea.



Animalium

Katie Scott (curadoria), Jenny Broom (ilustração)
Edicare

Primeiro título da coleção «Bem-vindo ao Museu», originalmente criada pela Big Picture Press, este é um livro informativo sobre o reino animal. Aqui se apresentam mais de 160 espécies de animais, profusamente desenhados com o rigor da ilustração científica e aos quais se juntam descrições, factos e outras notas que respondem à curiosidade e dotam o livro de sentido enciclopédico.



Todos os Contos

Clarice Lispector
Relógio d'Água

Clarice Lispector escreveu romance, entre outros géneros que cultivou, mas foi no conto que a sua escrita atingiu a forma, o equilíbrio e o espanto que fizeram dela um nome essencial da literatura do século XX, e não apenas em língua portuguesa. A Relógio d'Água publica agora uma edição que reúne, pela primeira vez num único volume, todos os contos desta autora.



La Tacopedia. Enciclopedia del taco

VVAA

Trilce Ediciones

Depois das edições sul-americanas, chega ao mercado espanhol um volume que deixará rendidos os amantes dos tacos. Não se trata de mais um livro de receitas, mas de uma compilação detalhada de informações sobre a origem, a história e a expansão deste expoente da gastronomia da América do Sul feita por um grupo dedicado de editores, fotógrafos, ilustradores e investigadores.

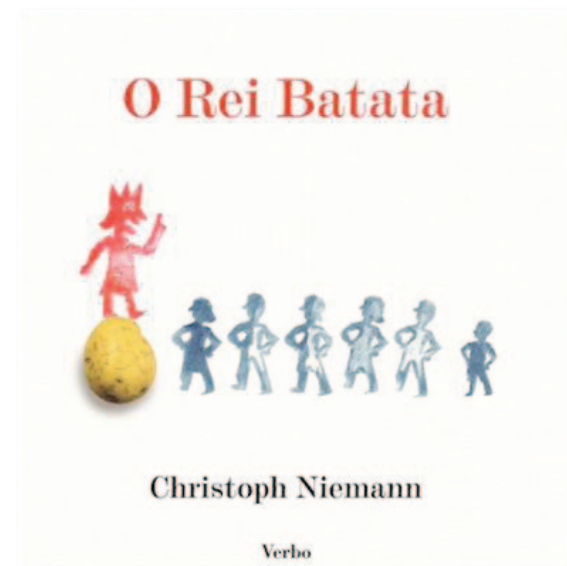


História e Património da Edição – a Romano Torres

Daniel Melo (et. al.)

Húmus

Um perfil da editora Romano Torres a partir do seu espólio, entre os livros que publicou e a documentação com eles relacionada, a confirmar a importância de estudar e divulgar este tipo de espólios. Os estudos que integram o volume, realizados em contexto académico, analisam diferentes aspetos do trabalho editorial, reforçando a ligação entre o património documental das casas editoriais e a memória histórica e coletiva.



O Rei Batata

Christoph Niemann

Verbo

Esta é a história da introdução da batata na Prússia pelo rei Frederico e da estratégia utilizada para convencer as tropas a experimentarem tão exótico tubérculo. A técnica do carimbo com batatas não podia ser mais apropriada, convocando a grande figura do livro para protagonista da ilustração. No final, uma nota informativa sobre o assunto.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

GRANTA

PORTUGAL | 6



Noite

GRANTA 6 | Noite

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | OUTUBRO DE 2015

Receba 4 números da GRANTA
com 25% de desconto

Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

«Na noite cabe tudo: o tangível e o imaginado, a insónia e o sono, o sonho e o pesadelo, o cansaço e o descanso, a boca que beija e a boca que morde, o isqueiro e a lâmina, o salto e o susto, a sombra e a sombra da sombra.» – Carlos Vaz Marques

TEXTOS

Alexandre Andrade, William Boyd, A.M. Pires Cabral, Matilde Campilho, Dulce Maria Cardoso, Mário Cláudio, José Riço Direitinho, Nuno Júdice, Robert Macfarlane, Jay McInerney, Antonia Pellegrino, Ana Teresa Pereira, Helen Simpson, Colin Thubron

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Jordi Burch

ILUSTRAÇÕES

Rachel Caiano

CAPA

Jorge Colombo

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

JULIÁN

ENTREVISTA POR RICARDO VIEL

FUKS



LITERATURA COM SOTAQUE

Nascido em São Paulo, filho de pais exilados, Julián Fuchs (1981) costuma dizer que é 100% brasileiro e 50% argentino. «No princípio os meus pais falavam entre si e comigo em espanhol, mas pouco a pouco passaram para o português e até hoje é assim», explica o escritor. É entre esses dois universos de línguas e culturas bastante distintas, ainda que fisicamente próximos, que a sua literatura se constrói. Depois de debruçar-se sobre a questão da sua identidade em *A Procura de um Romance*, Fuchs escolheu a auto-ficção para abordar a adoção do irmão (nascido na Argentina) e o exílio dos pais em *A Resistência*. «Sei que escrevo meu fracasso. Não sei bem o que escrevo. Vacilo entre um apego incompreensível à realidade – ou aos esparsos despojos de mundo que costumamos chamar de realidade – e uma inexorável disposição fabular (...) Queria falar do meu irmão, do irmão que emergisse das palavras mesmo que não fosse o irmão real, e, no entanto, resisto a essa proposta a cada página, fujo enquanto posso para a história dos meus pais. Queria tratar do presente, desta perda sensível de contato, desta distância que surgiu entre nós, e em vez disso me alongo nos meandros do passado, de um passado possível onde me distancio e me perco cada vez mais», lê-se num dos 47 capítulos do romance publicado no final do ano passado no Brasil e que agora chega às livrarias portuguesas (pelo selo Companhia das Letras Portugal). Fuchs esteve em Portugal em fevereiro para participar das Correntes d'Escritas, na Póvoa do Varzim, e apresentar o seu mais recente livro. Em Lisboa, o escritor brasileiro conversou com a *Blimunda*.

O facto de você ser também um acadêmico, alguém que investiga a teoria da literatura, influencia no momento de escrever ficção? Ou são dois campos que não se tocam?

Não estão separadas, acho que as duas coisas caminham juntas e de maneira muito explícita em outros livros meus, enquanto que n' *A Resistência* está só implícito. O meu primeiro livro, *História de Literatura e Cegueira*, era o meu trabalho de conclusão de curso de jornalismo e tinha uma preocupação ligada diretamente à literatura, três ensaios ficcionais ou três narrativas ensaísticas sobre escritores cegos: Borges, João Cabral de Melo Neto e James Joyce. Ali era, de facto, a mesma resposta para a academia e para a literatura. Depois, no livro seguinte, *A Procura de um Romance*, eu vinha estudando no meu mestrado a questão da impossibilidade de narrar e da morte do romance. A resposta acadêmica, teórica, que eu podia dar não era tudo que eu tinha para dizer a respeito e então comecei a criar paralelamente o romance, que problematiza essas questões. O narrador desse livro é o protagonista d' *A Resistência*. É basicamente um romance sobre a morte do romance, um romance sobre a impossibilidade de narrar, de um escritor em crise e se indagando o que mais ele poderia dizer depois de tudo o que já foi dito na história da literatura. Enfim,

a questão da história da literatura e da teoria da literatura entravam fortemente no que ia ser dito ali. Neste livro, por outro lado, a coisa não se tornou tão explícita e didática assim. Continuo estudando a questão do romance, da forma do romance, da evolução do romance ao longo dos séculos – esse é o meu tema de doutoramento – mas não tive a intenção de traduzir, de transbordar isso para o livro em si. Enquanto me dedicava às questões da tese, veio a necessidade de escrever sobre a história do meu irmão, dos meus pais, de começar a explorar ficcionalmente uma série de questões familiares e íntimas, que se tornavam também questões sociais e políticas. Então uma coisa não estava diretamente relacionava com a outra, o que não significa que as questões que eu trato no âmbito acadêmico não interfiram em tudo o que eu faço, porque são parte do meu modo de pensar a literatura, e do que eu concebo que possa ou deva ser a literatura hoje.

Quando fala da morte do romance se refere àquele romance clássico, o grande romance?

Falo, sobretudo, do discurso sobre a morte do romance, que é algo que se tornou cada vez mais frequente ao longo do século XX, sempre com uma iminência de morte do romance. O ro-

mance nunca morreu, mas deixou de ser canônico, passamos a valorizar e a canonizar só autores que faziam outro tipo de coisa, uma literatura que se autoproblematizava, uma literatura de desmontagem da própria forma do romance. Então, a partir desse processo histórico, começou a se falar sobre a possível morte, ou dissolução final do romance. Só que o romance não morreu, pelo contrário, é possível pensar numa reascensão do romance em tempos recentes. Mesmo a forma da desconstrução, da destruição foi se desfazendo, foi se restabelecendo de diversas maneiras. Penso este livro como um romance, embora não tenha tido a preocupação formal que tive no outro. Escrevi sem tanta preocupação com a forma romance, mas não deixa de ser uma das muitas respostas contemporâneas a essa retomada do romance, que é aquela que traz a questão da realidade, a confusão entre verdade e ficção, os hibridismos, acho que tudo isso se apresenta nesse livro como uma das respostas possíveis para a pergunta: o que narrar e como narrar hoje?

Neste livro há quase que um desprezo pela verdade, ou pelo menos uma certeza de que é impossível reconstruí-la, que a memória falha e engana.

O que está em questão é a dimensão discursiva da reconstrução histórica. Toda a reconstrução histórica se faz a partir de uma memória, que é feita de muitas memórias, e essa memória tem uma dimensão de construção lingüística do passado. Então me interessava muito menos contar o que efetivamente acontece, por exemplo, com os meus pais durante a luta contra a ditadura militar, e muito mais o modo como eles tentaram e puderam transmitir aquilo que viveram e as divergências que apareciam – em nenhum momento os discursos deles coincidiam plenamente. O discurso é feito sempre de disputa de uma certa história e me interessa a reconstrução de um passado a partir desse lugar, desse lugar da multiplicidade, da complexidade, da divergência entre vozes. Tudo isso era para mim mais importante do que uma reconstrução factual do que aconteceu, que seria por outro lado muito mais ficcional do que qualquer outra coisa, porque não tenho acesso a esses dados, nunca se tem. E acho que uma das idéias do livro é uma reconstrução, a partir de uma história íntima, pessoal, familiar, da história de dois países. E a reconstrução, através do discurso, que acaba trazendo à tona a concepção de que toda a história é discurso, então tudo aquilo que a gente concebe sobre o passado do nosso país é sempre uma construção ideológica daquilo que acon-

teceu, que pode ser desmontada, que vai se alterar ao longo do tempo, que vai se transformar e que tem que ser trabalhada a partir dessa noção mais complexa de memória. Está no livro essa preocupação que não seja um relato banal do que aconteceu, que seja muito mais uma indagação do que aconteceu, uma exploração um pouco mais ampla do que aconteceu.

Costuma-se acusar esta geração que não viveu a ditadura, e os escritores dessa geração, de uma apatia em relação à política. No entanto, a política tem um papel relevante no seu livro.

Acho que o olhar que a gente dedica ao passado está diretamente relacionado ao olhar que a gente pode dedicar ao presente. Então, de facto, enxergar politicamente aquilo que aconteceu e a relevância de tudo o que aconteceu nos permite conceber politicamente o presente. Por exemplo, ver ao longo do livro a posição em relação a uma luta por uma revolução, uma luta armada, e as divergências entre gerações. Há um pai que se aproximou dessa luta e um narrador que se coloca como um pacifista, mas um pacifista que não quer uma paz simples e cômoda de aceitação do estado das coisas. Então, pensar esse passado é também pensar as possibilidades de intervenção no

presente. Quanto à questão da política na literatura, para mim ela entra justamente no contexto dessa possível crise do romance, do romance que vai perdendo o seu sentido, que vai se desmontando, e perdendo inclusive o contato com a realidade, com uma certa representação realista do mundo; e vai perdendo leitores, porque perde relevância também. Então penso que dentro desse contexto de desvalorização da ficção, da forma romance, a política surge para recuperar certa pertinência e relevância que a forma tem. Sei que outros autores estão tomando outros rumos e estão encontrando o seu lugar em outros lugares, mas para mim a política tem esse papel também, não só de intervenção no mundo mas também de recuperação de pertinência para a própria literatura.

A sua história pessoal, a da sua família, foi tocada pela História, será por isso que há uma questão política no seu livro?

A gente tende a pensar a política nessas macro dimensões, a política como transformação absoluta de uma vida, de um destino, de uma nação. Mas às vezes existe, muito mais presente na nossa vida, uma micro política. Não encaro a dimensão política desse livro só na questão da ditadura militar, para mim

também está na questão da adoção, numa certa concepção de que o que é pessoal é político, algo que o pensamento contemporâneo trouxe à tona principalmente a partir do Feminismo – a vida de cada mulher é uma vida que tem importância política, que acaba refletindo a ordem de um mundo a ser melhorado, mudado, trabalhado. Então acho que mesmo que o destino de uma pessoa não tenha sido marcado por grandes mudanças políticas a política é invasiva ao longo da nossa vida, está em toda parte, marca comportamentos, vai determinar pequenas opressões e percepções do mundo. E penso que isso pode ser trabalhado por quem quer que seja, não é preciso ter tido um acontecimento forte que deva se tornar tema.

Há um momento no livro em que o irmão diz ao narrador que ele devia escrever um livro sobre aquela história que estavam vivendo. Foi mesmo isso? O livro atende a um pedido do seu irmão adotivo?

Foi exatamente assim. Depois de um processo em que meu irmão foi se afastando cada vez mais de encarar a situação da adoção, de encarar a questão, de lidar com isso, houve um momento, depois de algum trabalho com a terapia familiar, de reconhecimento. Ele disse: “Você devia escrever sobre isso”.

Para mim aquilo era um momento marcante do ponto de vista pessoal e familiar, não estava a conceber aquilo como literatura. Não estava no meu horizonte escrever sobre aquilo e em princípio ignorei aquele pedido. Mas passados alguns anos ainda estava na minha cabeça e vi que fazia sentido, que cabia escrever a respeito, que era possível tratar da questão da adoção – que é um assunto sobre o que se fala pouco em comparação com a quantidade de pessoas que vivem essa situação e da importância estranha que ela tem. Achei que cabia falar sobre isso. E o curioso é que quando fui falar para o meu irmão que afinal ia escrever a respeito ele não se lembrava de ter dito aquilo, mas eu lembrava fortemente.

Você recebeu uma bolsa para escrever esse livro, não foi?

Recebi um prêmio de uma instituição brasileira que me mandou para Paris, para ficar numa residência de artistas por 10 meses, e ali escrevi metade do livro. Essa é a dimensão ficcional do livro. O contexto todo é real, a história da família é real, mas há algo que poderíamos chamar de *mise en scène*. Conheço bem Buenos Aires, mas não fui necessariamente atrás de cada uma das coisas que estão no livro.

Então o narrador estava em Buenos Aires no dia em que encontraram o neto desaparecido de Estela de Carlotto (presidenta da Associação Avós da Praça de Maio), mas você não estava.

Exato, o narrador estava. Às vezes as pessoas concebem a autoficção como algo que deva ser literalmente fiel a como as coisas se deram. Se você pensar, a história da família é basicamente essa, mas não faria nenhum sentido eu contar essa história situando o narrador em Paris com uma bolsa, entende? Perderia o próprio foco do livro. Então há certas escolhas que você tem que fazer para que o livro se torne mais coerente.

No final do livro o narrador se questiona se conseguiu fazer um livro sensível e sincero, se valeu a pena escrevê-lo. Por quê?

Acho que está em questão que este era um projeto duplo. Em parte era escrever um livro para o colocar no mundo, para contar essa história como um romance. E em parte era uma resposta ao irmão, e a esse pedido. Ao escrever, as coisas se alteram. Perde-se a relação com o real mesmo que se queira ser fiel à realidade ou às coisas tais como elas aconteceram. E per-

de-se de vista que cada uma dessas figuras – irmão, pai, mãe – se convertem em personagens ao longo da escrita, não é possível manter-se de facto essa correspondência com o real. Então, nesse final, que é o momento da entrega do livro ao irmão, a dúvida que vem é essa: será que pude me manter minimamente próximo àquele pedido que foi feito? Consegui representar a família neste livro? Consegui dar uma resposta ao pedido do meu irmão? Ou isso tudo foi em vão, foi transformado em literatura e perdeu o seu sentido original? São essas coisas que estão em jogo e é por isso que entram os pais para questionar aquilo que foi escrito, fazer alguns reparos àquela história, enfim, culminando na cena da entrega do livro.

O seu livro ia se chamar “O Irmão Possível”. A troca foi por causa d’ *O Irmão Alemão*, romance publicado pelo Chico Buarque uns meses antes do seu?

Pode ter tido a ver. O título, em todo o tempo de escrita, era “O irmão possível”, e o livro do Chico não existia, porque foi tratado com certo sigilo. Só quando eu estava terminando de escrever o meu romance, faltando poucos capítulos, é que veio à tona *O Irmão Alemão*. Em princípio pensei: há coincidências

aqui, é também um livro autoficcional de busca de um irmão. Mas não me parecia que fosse problemático. Mudei o título por sugestão da editora, que achava que “O irmão possível” não era forte o bastante. Mas também pode ter tido a ver com o título do Chico, a editora é a mesma e talvez soasse paródico ou que eu tivesse aquele livro como referência, coisa que não tive – até poderia ter tido se tivesse vindo antes, mas não tive, o livro do Chico não existia.

É verdade, tem algo que une os dois romances, uma questão da identidade de um irmão, essa procura...

E também uma questão paralela na trama que é a ditadura militar, tanto num como no outro romance. De facto, tem algumas recorrências. Fiquei muito contente, depois de superar e me desenvencilhar daquele título que eu tinha construído – quando você decide um título acaba por construir o livro em grande medida em torno dele – vi que *A Resistência* talvez tenha sido muito mais acertado. Eu retrabalhei o livro em função dessa mudança. *A Resistência*, em princípio, poderia apontar muito diretamente a questão da ditadura e colocar como centro do livro a vivência dos pais, sendo que para mim o centro do livro sempre foi a questão do irmão. Só que também

há a resistência do irmão em encarar a adoção e a resistência do narrador a contar essa história, então acho que é um título bem mais rico.

Foi importante estar longe do Brasil, no caso em Paris, para escrever esse romance?

Para mim esses afastamentos sempre ajudam. De maneira geral, algum isolamento me permite refletir mais sobre as coisas e entrar num modo de pensar que estimula a literatura. Ou seja, já de partida ajudou. Mas neste caso acho que também veio a calhar um certo distanciamento em relação a alguns personagens do livro, com os quais eu continuei conversando, porque este foi um livro conversado, a partir de conversas com eles, atravessado por essas conversas. De facto, acho que me fez bem um certo isolamento para uma organização daquilo que foi e para conseguir olhar com maior propriedade para aquele objeto sem estar totalmente imerso nele.

A questão da identidade, do pertencimento a algum lugar é uma preocupação sua como escritor, não?

Talvez esse seja o cerne do meu livro anterior, *Procura do ro-*

mance. Paralelamente aquela questão da escrita, da procura de uma nova escrita, da pertinência de um fazer literário, existe essa busca do personagem principal, do protagonista por uma identidade pessoal, numa tentativa de reconhecimento. Ele se isola em Buenos Aires para repensar sua própria infância na cidade, tenta lembrar, reviver aqueles anos que passou lá justamente à procura disso, não só do romance, mas de uma compreensão própria do seu lugar: afinal que lugar é o dele? O Brasil ou aquele lugar que tanto mexe com ele, que tanto acaba sendo marcante para o seu modo de enxergar o mundo? *A Resistência* traz uma outra forma de procura de identidade, que é mais tortuosa. O que está em questão é a origem do irmão. Se antes foi feita a busca da origem do próprio Sebastián [narrador], aqui neste livro o que está em questão é a busca da origem do outro, que se dá de uma maneira muito mais truncada, obstaculizada porque o outro tem o direito a decidir se quer saber ou não a sua origem. E em se tratando de adoção isso fica em questão: até que ponto você pode explorar a origem do outro se ele não deseja saber.

Como é essa experiência de se autotraduzir? Não é estranho?

É um desafio, mas ao mesmo tempo você ganha muita liberdade para tomar as suas escolhas e inclusive mexer no texto. Tendo a ser muito fiel à minha própria construção anterior, até porque a minha é uma escrita muito minuciosa, com uma preocupação forte com questões de ritmo e sonoridade, então procuro me manter o mais próximo possível do original. Ao mesmo tempo, onde não for possível se manter próximo é interessante a possibilidade da reconstrução de um ritmo e do encontro de uma nova musicalidade para o texto, o que na tradução muitas vezes se perde. É uma atividade que gosto bastante de fazer. Há quem diga que eu escrevo em português com certos “argentinismos”. O livro em espanhol vai ter certos brasileirismos inevitavelmente, acho que vai se criando uma certa literatura com sotaque, o que não é necessariamente um problema.

Algum livro seu já está traduzido para o espanhol?

Não, já traduzi alguns contos ao espanhol, mas nenhum livro meu ainda foi traduzido. E por enquanto o meu único tradutor sou eu mesmo.

GENE

DERRUBAR A DITADURA
SEM DERRAMAR SANGUE

SHARP

ENTREVISTA POR SARA FIGUEIREDO COSTA



ene Sharp tem dedicado as últimas décadas ao estudo dos mecanismos que permitem a existência de ditaduras e regimes autoritários. Professor emérito de Ciência Política na Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, o seu trabalho mais conhecido intitula-se *From Dictatorship to Democracy* e discorre sobre esses mecanismos de um ponto de vista geral, analisando os fatores que asseguram o suporte de um regime político e mostrando, conseqüentemente, quais os pontos que podem enfraquecer esse regime. Defensor da luta não violenta, Gene Sharp já foi várias vezes referido como candidato ao Prémio Nobel da Paz. Atualmente, e para além das atividades universitárias, o autor é um dos mais ativos membros do Instituto Albert Einstein, que ajudou a fundar em 1983, uma organização sem fins lucrativos que estuda e promove o uso da ação não violenta. Na sequência da prisão de um grupo de jovens angolanos, acusados de conspirarem para derrubar o governo e «apanhados em flagrante» em junho do ano passado, numa reunião onde discutiam, entre outros textos, o livro de Gene Sharp, a Tinta da China decidiu publicar o livro em Portugal, com o título *Da Ditadura à Democracia*. «Sabendo que a maioria destes presos políticos vive com sérias dificuldades económicas e que a sua detenção agravou esta circunstância para as famílias, propus a Gene Sharp (também ele ativista pela liberdade de expressão) a cedência dos direitos de autor. Após a sua anuência, assumi que a Tinta da China cederia todas as receitas da venda desta edição aos presos políticos e respetivas famílias», lê-se na nota introdutória, assinada pela editora, Bárbara Bulhosa. À distância de vários fusos-horários e com a internet como intermediário, a Blimunda falou com Gene Sharp, procurando conhecer melhor o livro que assusta tantos governos e que inspira movimentos democráticos um pouco por todo o mundo.

Este livro foi publicado pela primeira vez em 1993, no contexto da repressão na Birmânia/Myanmar, e rapidamente chegou a outras geografias, integrando movimentos como a Primavera Árabe e estando, neste momento, no epicentro de um processo judicial em Angola. Quando escreveu, imaginou que o livro fosse ter uma vida tão intensa, circulando por tantos países e assumindo um papel importante em algumas lutas pela democracia?

Este livrinho foi escrito em 1983, a pedido de um exilado birmanês, democrata, que vivia em Banguecoque e aí editava um jornal no exílio. Para o escrever, parti de trabalhos anteriores que tinha feito, nomeadamente sobre a fraqueza das ditaduras e a natureza do poder. Não imaginei que o foco, tão genérico, pudesse tornar a análise potencialmente relevante em qualquer país com um governo autoritário ou ditatorial. Contudo, parece que foi essa a percepção das pessoas que começaram a traduzir o livro e a distribuí-lo nos seus países. Várias pessoas disseram que se lia como se tivesse sido escrito a pensar no seu próprio país. Apesar de não terem sido feitos quaisquer esforços de promoção do livro noutros países, as traduções e publicações começaram a espalhar-se. Uma edição em língua ingle-

sa foi vista na montra de uma livraria de Banguecoque por um estudante indonésio, que a comprou e levou para o seu país. Aí, foi traduzido e publicado, em 1997, por uma editora grande da Indonésia. Mais tarde, Marek Zelaskiewz, da Califórnia, pediu-me uma cópia do livro e levou-a para Belgrado, no tempo de Milosevic, entregando-a à organização Civic Initiatives, que a traduziu para sérvio e publicou. Quando visitei a Sérvia, depois do colapso do regime de Milosevic, disseram-me que o meu livro tinha tido muita influência nos movimentos da oposição. Não temos como saber exatamente de que modo o livro se espalhou de país para país. O facto de ter passado, recentemente, a estar disponível na internet, no nosso site, terá a sua importância, mas seguramente que não é o único fator. Traçar essas ligações seria um projeto de investigação muito interessante.

Como começou o seu interesse académico pelos movimentos democráticos e pelos modos de organizar um país em democracia?

Aproximei-me deste assunto entre o fim dos anos 40 e o início dos 50. A Segunda Guerra tinha acabado há pouco e a infor-

mação sobre o Holocausto começava a aparecer. Estaline ainda estava na Rússia. Havia colonialismo na Europa, discriminação racial nos Estados Unidos e a ameaça de uma guerra nuclear. Tinha de haver uma forma melhor de fazer as coisas. Foi então que comecei a aprender sobre resistência não violenta. A bibliografia era terrível, mas quanto mais eu lia, mais percebia que havia ali alguma substância – e que não sabia quase nada sobre o tema. Aos poucos, comecei a embrenhar-me no tema, começando com um estudo aprofundado sobre Gandhi, não enquanto mahatma, mas enquanto estrategista político. E fui ficando cada vez mais interessado em perceber o que garantia o sucesso ou o fracasso desta técnica, e de que modo se podia torná-la mais eficaz. Mais tarde, vivi na Noruega, onde conheci várias pessoas que participaram na resistência à ocupação nazi. Um dos pontos de vista que recolhi indicava que a posição pacifista, que defende que podemos renunciar à violência, não funcionava. Mas tem de haver uma alternativa realista, caso contrário as pessoas cedem a uma submissão passiva ou voltam-se para a única forma de luta que pensam ser possível, ou seja, guerra e violência.

Uma das ideias centrais deste livro é a de que uma ditadura depende de uma espécie de aceitação coletiva de quem vive sob o seu governo. Nesse sentido, como se explica que seja tão difícil derrubar uma ditadura? Devemos assumir que as pessoas se sentem, apesar de tudo, confortáveis com o modo como vivem, ou suficientemente confortáveis para não tomarem posição, apesar das limitações dos seus direitos, ou que é muito difícil chegar a um momento em que a maioria das pessoas estão organizadas e focadas no propósito de alcançarem a democracia?

Nem todos os movimentos não violentos bem sucedidos são altamente organizados e disciplinados. No entanto, essas qualidades são muito importantes e, quando se reúnem, aumentam muito as hipóteses de sucesso. Há muitos fatores importantes para se aumentarem essas hipóteses de sucesso, mas talvez o mais difícil de alcançar seja o desenvolvimento de uma estratégia sábia de luta. Se falarmos de um tema simples, claro e específico, como ter comida de melhor qualidade na cantina da escola, o plano pode ser igualmente simples, como boicotar a cantina. Mas se o tema é derrubar uma ditadura, então dizer «queremos liberdade!» não chega. É preciso desenvolver

uma estratégia que enfraqueça essa ditadura, o que só pode ser feito se se identificarem as suas fontes de poder (autoridade, recursos humanos, conhecimento, fatores intangíveis, recursos materiais, sanções). Depois, é preciso identificar essas instituições, ou «pilares», que asseguram à ditadura o seu poder. Se for possível enfraquecer ou aniquilar essas fontes de poder, acontece o mesmo que a uma mesa à qual cortamos uma perna: a ditadura enfraquecerá e acabará por cair. O número de pessoas necessário para iniciar uma luta não violenta depende muito dos aspetos específicos de cada contexto e do grupo de pessoas que tem queixas. Em algumas situações, se se quer atacar um determinado tema, a propósito de um aspeto específico, um grupo muito pequeno pode ser suficientemente eficaz. Contudo, outros métodos (como a greve geral, por exemplo) exigem um número muito grande de pessoas preparadas para agir e resistir durante um período de tempo considerável. É preciso pesar as coisas entre os motivos de queixa, o objetivo que se pretende alcançar e as capacidades dos potenciais resistentes.

Em Angola, um grupo de ativistas continua preso e o seu livro é um elemento essencial na acusação, na medida em que foi apontado como prova de que estes ativistas planeavam um golpe para derrubar o governo. O que sente em relação a isso?

A minha mensagem para os ativistas é esta: leiam, estudem, pensem. Pensem cuidadosamente, sabiamente e, mais importante, com estratégia. O caminho para a liberdade é sempre muito arriscado numa ditadura. Um pensamento claro e o desenvolvimento de uma estratégia bem preparada são fatores necessários para se chegar lá. Muitos governos, particularmente os autoritários e ditatoriais, encaram o meu trabalho como algo subversivo porque pressupõe que nenhum governo pode governar se as pessoas escolherem não serem por si governadas. Qualquer ditador ou regime opressivo considerará isto como uma ameaça, porque mostra o quão fraco é esse ditador ou regime. Se há pessoas que preferem governar usando métodos ditatoriais, o seu medo é justificado. Os meus livros só são subversivos para quem defende ditaduras.

O governo de Angola assumiu que este livro é, de facto, uma ameaça. Considerar livros como algo ameaçador é característica definidora de uma ditadura?

Sim, mas não apenas livros. A ameaça é principalmente a ideia de as pessoas pensarem por si próprias, decidirem de acordo com o que pensaram e expressarem as suas ideias através da ação. É isso que deixa os ditadores aterrorizados. Quando os ditadores prendem adolescentes por lerem livros, isso mostra o seu nervosismo, porque sabem melhor do que ninguém que os seus sistemas têm fraquezas. Prender um jovem de 18 ou 19 anos é sinal de que um regime é muito fraco.

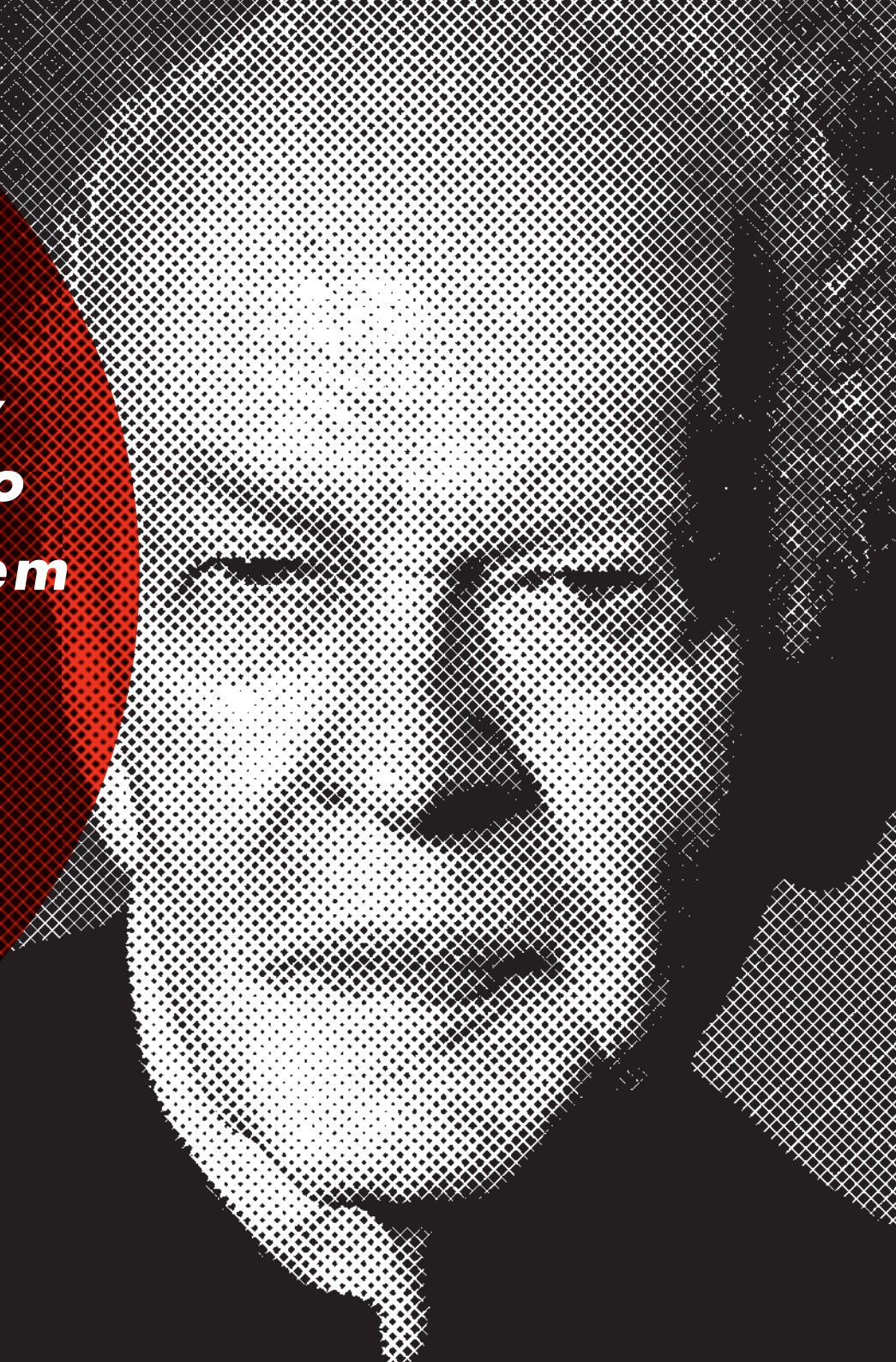
Acredita que se, por hipótese, todos os cidadãos de um país governado por uma ditadura, não importa onde, pudessem ler este livro, o processo de derrube dessa ditadura poderia começar?

Ler não chega. É preciso estudar, pensar cuidadosamente e agir. Mais importante, as pessoas têm de pensar por si próprias: pensar, pensar, pensar. Nem sempre fico feliz com o modo como os meus textos são utilizados por diferentes grupos de protesto, porque frequentemente falham coisas importantes.

O apelo que faço é para que a minha obra seja escrutinada, e não apenas lida em duas ou três páginas. Aprender é um primeiro passo importante, mas as pessoas têm de planificar uma luta não violenta por si próprias. Precisam de uma estratégia, o que implica aplicar o conhecimento que têm ao seu próprio contexto: calcular como eliminar as fontes de poder de um regime opressivo. Têm de identificar aquilo que dá força a essas fontes. E têm de estar conscientes das fraquezas do regime e de como agravar essas fraquezas no sentido de o desintegrar. É importante perceber que cada movimento de luta não violenta ocorre num contexto único, num determinado ambiente. Assim, seria irresponsável e presunçoso tentar criar uma espécie de fórmula universal. Não é esse o meu papel. O meu papel é disseminar informação, fornecer ferramentas. Como essas ferramentas são utilizadas tem de ser determinado pelos indivíduos e pelos grupos que decidem abraçar a luta não violenta.

A História mostra-nos que nenhum governo dura para sempre. Algumas das condições que lista no seu livro como essenciais para enfraquecer ou derrubar uma ditadura acabariam por acontecer, de um modo ou de

***A ameaça é
principalmente a
ideia de as pessoas
pensarem por si próprias,
decidirem de acordo com o
que pensaram e expressarem
as suas ideias através
da ação. É isso que
deixa os ditadores
aterrorizados.***



outro? Ou seja, é possível dizer que qualquer ditadura acabará por cair, ainda que as pessoas decidam não fazer nada para que isso aconteça?

Acredito que é nossa responsabilidade explorar formas possíveis de travar a opressão e a morte de milhares, ou milhões, de pessoas. É o mínimo que podemos pedir. E mesmo que um regime caia, isso não nos coloca numa utopia. Ao contrário, essa queda abre o caminho ao trabalho duro e aos enormes esforços para construir justiça social e económica e relações políticas que erradiquem a injustiça e a opressão. Sem este trabalho, não há como evitar a subida ao poder de uma nova ditadura.

As relações diplomáticas atuais, e as relações económico-financeiras, muitas vezes de dependência, entre países parecem impedir algumas instituições internacionais de considerarem ditaduras certos regimes, mesmo que neles não haja eleições livres, e mesmo que haja censura e que os direitos civis dos seus cidadãos não estejam minimamente assegurados. Como se luta contra isso?

Os efeitos da opinião pública ou do apoio externo contribuem para fortalecer ou enfraquecer um grupo ou outro, mas o seu impacto não pode ser visto como a força principal de uma mudança. Como parte da preparação de uma estratégia eficaz, é preciso perceber qual será o papel relativo da resistência interna e das pressões externas no processo de desintegração de uma ditadura. O que tenho destacado é que a força principal de uma luta dessas tem de nascer no interior do próprio país. O apoio internacional será relevante, mas tem de ser estimulado pela luta interna. Como modesto acrescento, podem fazer-se esforços para mobilizar a opinião pública mundial contra uma ditadura, nos campos humanitário, moral e religioso. E pode trabalhar-se no sentido de conseguir sanções diplomáticas, políticas e económicas contra uma ditadura por parte de governos e instituições internacionais. Estas sanções podem ser embargos de armas militares, redução dos níveis de reconhecimento diplomático ou o corte de relações diplomáticas, a expulsão de um governo ditatorial de várias instituições internacionais ou dos organismos das Nações Unidas. Para além disso, assistência internacional como o apoio financeiro ou ao nível das comunicações também pode ser fornecida às forças que lutam pela democracia.



Há duas ideias fundamentais no seu livro: uma é a luta não violenta, a outra é a necessidade absoluta de se começar a construir uma democracia sólida logo após a queda de uma ditadura. Se esses dois objetivos se concretizassem sempre, acredita que viveríamos num mundo perfeito? Ou, apesar de todas as intenções, a natureza humana é sempre um entrave a essa possibilidade (fazendo da possibilidade uma utopia, condenada à impossibilidade)?

Poder-se-ia esperar que de uma luta não violenta resultasse uma espécie de reino de Deus na terra... Olhemos para a Sérvia, por exemplo. Depois da queda de Milosevic, houve elei-

ções com diferentes partidos a concorrerem. Não se livraram de todos os problemas da sociedade, mas as coisas ficaram infinitamente melhores do que eram antes. A luta não violenta deu-lhes a oportunidade de tornarem a sua sociedade melhor do que era. Há alguma ingenuidade entre alguns defensores da luta não violenta. Por vezes, pensam que havendo um processo não violento que conduz à democracia, não voltará a haver problemas sérios. E já ouvi algumas pessoas dizerem que as lutas não violentas na Índia, e todo o trabalho de Gandhi, foram um desperdício, porque continua a existir um sistema de castas, continua a haver pobreza, continua a existir um exército, e por aí fora. Como se as lutas pela independência em relação a uma potência colonial pudessem resolver todos esses problemas! Não faz sentido.

MIGUÉIS

REVOLTA E DOÇURA

BRANDÃO

INÉDITO DE JOSÉ RODRIGUES
MIGUÉIS SOBRE RAUL BRANDÃO

VASCO ROSA

A Onésimo Teotónio Almeida

Quando se pensa em Raul Brandão e José Rodrigues Miguéis, é a *Seara Nova* que de imediato ocorre a todos, e a alguns, mais velhos ou mais familiarizados com estas coisas, o magnífico depoimento que o autor de *Páscoa Feliz* escreveu sobre ele na *Gazeta Musical e de todas as artes* de Junho de 1961, intitulado «Lembranças de Raul Brandão», e desde então apenas republicado em livro num volume de circulação efémera, *A Angústia dos Contrastes*, por mim organizado em 2004.

Eduardo Lourenço considerou em «Miguéis: o outro e os outros», de 2001, que Brandão havia sido para Miguéis «o seu mestre, por ventura o seu único e verdadeiro mestre, de quem foi jovem admirador e amigo», e é à luz dessa indiscutível qualificação que podemos ler o texto seguinte, um dactiloscrito rasurado e inconcluído para publicação que encontrei no espólio do escritor — exilado nos Estados Unidos da América desde 1935, e que, por iniciativa de Onésimo Teotónio Almeida, a Brown University, duplamente providencial, recolheu, organizou, preservou — e *partilhou* com a nossa Biblioteca Nacional, fornecendo-lhe uma cópia em microfilme, uma operação financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

São cinco folhas dactilografadas, mais quatro com anotações manuscritas breves sobre tópicos a desenvolver numa versão posterior, com a curiosidade de incluir alguns desenhos e de serem em papel timbrado de *La Hacienda. Revista Mensal Ilustrada sobre Agricultura, Criação de Gado e Indústrias Ruraes*, com sede em Nova Iorque. Em data desconhecida, Rodrigues Miguéis recupe-

rou registos de «testemunhos» redigidos em 1921 e 1925, comentando-os durante a transcrição em parênteses autojocosos, e acrescentando à mão algumas frases que depois traçou com o habitual gesto de terem sido aproveitadas.

De facto, algumas dessas frases ou tópicos passaram para o artigo na *Gazeta* (a citação de «Agora estou nu diante das estrelas!» é só uma delas), o que leva o incipiente aprendiz de filólogo literário a conjecturar que o seu autor, convidado por João José Cochofel, secretário daquela revista lisboeta, a colaborar no número evocativo do lançamento da Obra Completa — em que também participaram Manuel Mendes, José Gomes Ferreira, Câmara Reis, Joel Serrão e o actor Rogério Paulo —, decidiu a dado momento abandonar uma nota crítica de maior fôlego, que eventualmente o prazo de entrega condicionaria em demasia, para evocar o escritor amigo na Biblioteca Nacional, na *Seara Nova* e durante uma estadia de trabalho comum na Casa do Alto em Nespereira, Guimarães. «Tenho de resistir à tentação pedante, tão nossa agora, de analisar, classificar, explicar», admitiu ele nas «Lembranças» (p. 251).

José Saramago soube de Miguéis, por carta de 10 de Abril de 1961, que um artigo sobre Raul Brandão apareceria na *Gazeta*, e respondeu-lhe um mês depois: «Espero com o maior interesse o seu artigo sobre o Raul Brandão, que é uma das maiores e mais velhas admirações minhas em literatura. Um livro como o *Húmus*, por exemplo, como é possível que tanta gente o ignore? Não percebo, palavra.» (José Rodrigues Miguéis – José Saramago, *Correspondência 1959-1971*, Caminho, 2010, p. 106).

O autor de *Memorial do Convento* teria um papel relevante na reedição de obras de Raul Brandão, no período em que trabalhou na editora Estúdios Cor. Veremos isso em pormenor em próximo artigo.

O HOMEM QUE VIVE DA DOR

1 9 2 1

Este homem de olhos azuis e vagos como os horizontes do mar, afeito a perscrutar as delícias e as dores da vida — o sofrimento dum flor que se pisa, a tortura dum pobre a quem se nega a esmola —, habituado a ouvir este contínuo rumor do sofrimento, como o dum sombria maré contra a muralha insegura da Vida, ignora os males, as podridões, os vícios da canalha doirada. A sua testa, erguida como a de um iluminado, coroada dum alva mecha de cabelos finos que já foram loiros, passa através da luz, do riso, desta aparência de elegância e de bom-tom, do vício que se mascara de refinamento, e da torpeza que se veste de etiqueta — como as gaivotas que são sempre brancas através dos intemporais escuros, sobre a lividez do sorvedoiro.

Apenas se curva (parece alimentar de dores o seu espírito) quando ao lado ouve um gemido,

ou descobre um vulto esfarrapado, um ser esmagado por terra. Então, o azul dos seus olhos turva-se de mais densa névoa, um leve estremecimento arrepia-lhe a mecha de cabelos finos e alvos, e em vão tentareis distraí-lo ou fazê-lo sorrir... Aquela dor apoderou-se dele, embala-o e revolta-o, dá-lhe calafrios e um mórbido prazer de remexer nos trapos, nas feridas, de vasculhar no fundo, na vasa podre que os miseráveis têm na existência, e quantas vezes logo à superfície!

Heis de vê-lo, depois, costas voltadas para o mundo que já não existe, a estudar, a desfibrar aquela dor, como um botânico disseca a planta que topou à beira dum atalho. Quando se ergue de novo, pálido, fica-lhe nas atitudes, nas palavras, na alma, uma gota mais grossa de desgosto, de amargura, que vai juntar-se aos sofrimentos, os seus e os alheios, que lhe inundam a vida. As suas palavras adquirem mais revolta e mais doçura, ao mesmo tempo. Contra quem? Não censura Deus (crê na sua justiça); não censura os homens (crê na bondade humana): o seu gesto é vago, a sua imprecisão fica suspensa numa interrogativa incerteza, como se fosse o Universo que ele quisesse inculpar do sofrimento inútil, pequenino, duma flor ou dum órfão.

Um dia, lá dentro, aquele oceano vai fazer-se tempestuoso; escalará, rugindo, os ásperos rochedos do seu íntimo. Há-de afogá-lo — a sua dor, somada às outras dores, vai decerto matá-lo. Sofre demais... E quando esse mar subir, cachoante e revolto, havemos de ver os seus olhos vagos e azuis como os horizontes das águas tornar-se mais transparentes e mais calmos. Sorrirá. Para a sua dor, para as do mundo, agitadas e coléricas, vai nascer um grande luar de sonho, emaciando,

enternecendo, pacificando as cóleras inúteis, como, depois de passado o temporal, vem a lua banhar da sua luz as praias assustadas, onde dormem seu perpétuo sono os pescadores vencidos...

1925 / QUINTA-FEIRA SANTA

Acabo de ouvir contar uma coisa que me entenece até às lágrimas: Sofro com isto como sofreria com a maior injustiça! Há tantos crucificados! — Esse livro de alucinação, amassado como a própria Vida de dores, lágrimas, tristezas e humilhações, e que se chama *Os Pobres*, quando surgiu pela primeira vez, e já lá vão vinte anos, não teve uma voz amiga, uma voz justa que dissesse o seu nome às turbas idiotas que por esse tempo iam já lendo menos mal o Dantas.

Os Pobres. Como foi que esse livro de assombro, cheio de recortes e acidentes, como as altas montanhas inacessíveis, passou até há poucos anos ignorado, ou esquecido da nossa gente? Talvez por isso mesmo: só às fáceis colinas se lhes percebe o contorno, e se lhes trepa o cume. *Os Pobres* estavam muito acima, além da vulgaridade dos sentimentos banais, um pouco na névoa donde vêm os relâmpagos, cheio de sinuosidades, abismos escuros, acidentes, que os passos trôpegos do vulgo não podiam vencer. Por isso, depressa o livro desceu ao esquecimento, embrulhado na sua pobre capa vermelha, na sua edição triste e mesquinha¹.

1. Rodrigues Miguéis refere-se à capa da primeira edição, toda tipográfica. A segunda edição, pela Bertrand, em 1925, terá um desenho de Stuart Carvalhais (mantido na terceira edição, em 1928), e a tradução espanhola de 1927 um desenho de García.

Sofro de imaginar a grande dor desse poeta da humildade, para quem uma flor pisada vale um dor humana; imagino o sofrimento moldado em assombro desse homem que é na literatura portuguesa um tipo acabado de solitário sofredor, bem mais do que Camilo, grande agressivo irregular, irónico e azedo.

Raul Brandão é uma alma em permanente receptividade; a sua obra é o seu vivo retrato. Acusam-no de explorar as torpezas da vida. Explorar! Como se vinte e tal anos decorridos entre a 1.^a e a 2.^a edição d'*Os Pobres* não fossem a prova flagrante de quanto essa literatura é avessa às simpatias do público que lê (em Portugal).

Parece que se concentram nos seus nervos, na sua alma, todas as dores e tristezas da vida. Não há espasmos românticos nas suas páginas dolorosas. É uma coisa diversa que ali vive, um ressoar de nervos crispados, feridos, uma centelha contínua de dores (ebulientes). A sua obra é irregular; não tem aquilo a que, em rigor, pode tecnicamente chamar-se romance; o que há nela são figuras, dramas esboçados, tragédias entrevistas. Não há enredos, há cenas soltas. No entanto, a sua capacidade realizadora abre uma janela esplêndida no Teatro: *O Gebo e a Sombra* é uma obra total, isto é, uma acção completamente tecida, apanhando um feixe de raios espirituais que vêm do infinito e seguem para o infinito, porque a dor humana é inconcebivelmente vasta. O drama de *Gebo* não tem começo, nem, ai de nós, encontrou ainda o fim. E com ele Raul Brandão fez uma obra completa.

Fora disso, a sua obra (nos *Pescadores* como n'*Os Pobres*, nas *Memórias* como no *Húmus*) um con-

junto de visões fora da realidade, objectiva, mas profunda, trágica e humana. As suas figuras não são tipos como as do Eça; são alguma coisa mais, são símbolos, sínteses dos pedaços de que é feita a alma dos seres. Para haver um romance não basta nem talvez seja preciso o enredo, nem sequer (como nos livros de Manuel Ribeiro) o fio contínuo duma preocupação espiritual. O romance está na nossa intuição, no plano infinito onde se arrasta a vida, surpreendida em seus aspectos pela retina aguda, hiper-sensível do escritor. Dados os aspectos, que nos resta? Ligá-los e fundi-los. Eis a nossa obra inconsciente.

Ao contrário do Camilo, a quem um sarcástico azedume levava a ridicularizar e escarnecer as próprias dores e as próprias personagens; em quem a dor tomava as proporções de romântico delírio, como nesse obra de hiper-sentimentalidade que é *O Amor de Perdição*, em Raul Brandão as dores da vida são olhadas através de uma sensibilidade ingénua, docemente infantil, através duns olhos límpidos e doces, que encaram sem ódio a dolorosa vida, sem escárnio os ridículos e as fraquezas, e tudo com certo receio entrecortado de audácias...

O estudo das suas personagens daria longas páginas, tão rica e tão vasta é a matéria de que são feitas. Tirou-as da realidade? Desceu a buscá-las na vida? Arrancou-as de si, da sua dor perante a vida. São os frutos acres que nasceram das sementes que da vida lhe caíram no íntimo. Não procura os mordentes realismos nem as fantasias que conquistam fáceis leitores. Camilo escrevia para os seus leitores, Herculano para a sua moral de historiador e de político, Eça para a sua arte

requintada, o apuro superior da sua consciência de artista. Raul Brandão escreve apenas para a sua sensibilidade, para deixar brotar o som áspero, molhado de pranto, que lhe vem lá de dentro. Daí, a sua sinceridade. O Eça nunca teria escrito um livro feito de retalhos, luminosos, sangrentos retalhos, como *Os Pobres*. A sua arte proibia-lho. Por isso eu amo a grande, a ingénua sinceridade deste poeta dos tristes e humilhados. Palavras desconexas, tipos soltos, atitudes que ficam no vago, perfis indistintos, biografias esfumadas — lê-o a gente, e fica-nos a sensação de ter folheada a vida inteira, a vida profunda, a que fica por baixo dos risos, das alegrias e das cores...

«Ouço sempre o mesmo ruído de morte, que devagar rói e persiste»; ou então: «Não me arrependo, nunca me arrependi.»

Nos seus livros não há solução de continuidade. O que há neles de mais directamente pessoal, prefácios das *Memórias*, as páginas que procedem o livro do coronel Owen,² *Os Pobres*, o *Húmus*, o Teatro — continua-se, desenrola-se através dos livros mesmos. A sua obra é uma só, dividida afinal nesses estranhos capítulos, que são cada livro. E no entanto, há sempre novidades nessas páginas.

Um dia, cansado de ver as sombras, ergueu-se, caminhou pela margem do mar, que rugia aqui e além sombriamente, nas páginas dos seus livros, e escreveu essa obra de luz, esse álbum doce — *Os Pescadores*. A sua alma afeita à treva, ao verde negro, às escorrências repugnantes da vida miserável, dos casebres infames, das prostitutas (não as do Dantas, que usam badine e têm no salão de aqueci-

2. *O Cerco do Porto contado pelo coronel Owen*, Porto, Dezembro 1915. O prefácio ocupa 29 páginas. Em Fevereiro de 1920 uma segunda edição foi «acrescentada de documentos novos».

mento central), ergueu-se do trémulo de inefável gosto: as tintas enchem-se de luz, uma aragem perfumada e salina percorre-lhe as páginas. E ao lado das tragédias sombrias e pesadas ergueu-se um mundo novo de cor e de alegria...

Imagino esse poeta, pelas noites de inverno, quando através do silêncio fecundo lhe chegam aos ouvidos os lamentos do mar que o vento arrasta contra as penedias da costa — imagino-o, sozinho junto à sua mesa, a luz a bater-lhe na fronte vasta e doce, e ele a escutar aquele mistério que vem de todas as coisas tristes, nocturnas, invernosas. Um vulto de mulher assiste-o, na sombra. ³ Ele não vê personagens, apenas distingue vultos. Não é o vento, não é o estampido das vagas: é uma voz dolorosa e magoada que vem das coisas, até junto dele, e ele sente e compreende e interpreta fraternalmente. Dentro dele ressoa como numa gruta esse lamento confuso, que erra no silêncio da noite — o choro das crianças abandonadas, nuas, a voz dolente e rouca das prostitutas, os ásperos gritos dos ladrões, os ais dos pescadores que se afundam para sempre, a voz heróica e vencida do oceano, o gemido das folhas arrancadas — e o seu próprio passado, o do seu corpo que mergulha raízes infinitas no passado, que sente as dores e as ternuras ancestrais, que é visionário do passado e profeta, mergulhando na vida universal os seus nervos absortos...

3. Referência óbvia a Maria Angelina Brandão, esposa de Raul. Quando saiu *Páscoa Feliz*, em Junho de 1932 (com uma capa do mesmo Fred Kardolfer que havia desenhado a d'O *Pobre de Pedir*, de Dezembro de 1931), José Rodrigues Miguéis enviou-lhe um exemplar, com a seguinte dedicatória: «À Exma. Senhora Dona Maria Angelina, que junto na minha ternura e na minha admiração à imagem do escritor e do homem que, com a luz do seu espírito, alumiou os caminhos da minha juventude, ofereço esta obrinha modesta.» O livro está guardado na Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

O mundo é um grande cadilho onde as dores se misturam, indistintas. Vem de lá esse rumor confuso. As almas estão em tudo — como deus. Tudo sente. Tudo sofre. O sol é o amigo das árvores, dos mendigos, das andorinhas e das paisagens. Se todos lutam, porque não hão-de ser todos irmãos na nossa sensibilidade?

Pois esse livro (*Os Pobres*) onde há páginas de génio, onde todas as dores humildes e plebeias se condensam, não houve para ele uma palavra de carinho, consoladora, não houve mão amiga que se erguesse a apontá-lo. (Nota: Exagero da minha admiração dos 20 e tal anos pelo escritor; houve pelo menos o prefácio de Junqueiro...) A mágoa do seu poeta, posso imaginá-la. O livro era um diamante escondido no carvão. — É difícil ler este poeta? Não o nego. Por vezes, tantas dores, o seu filosofar, aquele desfiar contínuo de coisas mórbidas, assombra e pesa, cansa. Mas que grandeza no gosto que nos fica depois de o ler. Reli hoje esse capítulo «Natal dos pobres». E o sabor das minhas lágrimas não sei se o devo a esse marulhar de tragédias, se à ideia do esquecimento a que foram por tanto tempo votadas essas páginas, das mais humanas e sentidas que se têm escrito na literatura portuguesa de todos os tempos!

Os homens como Raul Brandão são raros. Devemos poupá-los e amá-los. Sendo a antítese dos homens de acção, são todavia tão necessários como estes, e — coisa estranha — não são incompatíveis. Amar Raul Brandão não é odiar a forte acção realizadora de certos indivíduos que, no entanto, assustam a sua sensibilidade. Estes homens do ideal, plantas que vivem de emoção, que

transformam em flores de forma as seivas amargas extraídas da vida, são tão necessários como aqueles que concebem os sistemas filosóficos, as obras de técnica criadora, as pontes, os canais, as máquinas, os adubos multiplicadores. E, dentro do campo mais restrito da especulação das ideias, tão úteis pelo menos como os pensadores do claro e recto entendimento... (Onde estes não chegam...) Posso perfeitamente amar a um tempo Brandão e Raul Proença. Diametralmente opostos no seu modo de ver e aperfeiçoar a vida, são dois aspectos igualmente nobres das lutas da alma humana contra as baixeiras do instinto e da vida animal. O que eu não suporto são os maus filósofos mascarados de literatos, nem os maus literatos feitos pregadores. Nestas cidades onde impera, pêle-mêle, quanto a vida concebeu de bom e mau, de belo e de feio, ouvir ao lado da voz clara do filósofo que ensina as verdades eternas que esclarecem o entendimento como a luz rasga as trevas — ouvir a voz suave dum poeta que espiritualiza a vida e balsamiza o sofrimento que no comum da gente a razão só por si não basta para cicatrizar — é disfrutar duma consolação que nada paga. Por isso, quando desejo que o mundo acarinhe e bemqueira os homens que, como Raul Brandão, são flores de espiritualidade nenste lodaçal de infâmias e perversas paixões, não excluo da forte e consciente adoração das massas os homens de claro entendimento e forte doutrinação. Sabem-nos alguns com quem lidamos dia a dia, aqui.

O seu *Teatro*, profundamente humano, é cheio de gritos que são rasgões de alma. Aí, verdadeiramente, há tipos, tipos cheios de boa e segura observação, como talvez em nenhuma outra obra do

teatro português (de agora?). Mas esses tipos ascendem a símbolos, transcendem os limites naturais do drama, para constituírem uma filosofia de vida. O *Gebo* é duma naturalidade que assombra, porque através dela se adivinha o abismo da sua alma. A sua redenção pelo crime, imprevista, a sua vitória sobre a própria fraqueza conquistada pela corrupção, é um clarão genial, onde há lágrimas e sarcasmos como os do *Hamlet*. O volume de *Teatro* é a afirmação (mais) completa deste escritor de clarões e sombras. Aquelas figuras hão-de ficar eternamente, porque não são transitórias, episódicas, meramente actuais, como as figuras de quase todo o teatro, sacrificado pelos autores às exigências da época, do palco e da plateia. São eternas como os próprios sofrimentos que incarnam. O grito final de *O Gebo e a Sombra* é um grito dilacerante de tragédia antiga: « Foi tudo inútil! Foi tudo inútil!», grita a pobre Sofia ao ver unidos na miséria vencedora o pai e o filho — o santo e o pulha —, aqueles a quem ela tentara poupar a ventura de serem desprezíveis. (É afinal o seu próprio grito nas *Memórias* (prefácio): «Sempre a mesma voz me repete: é inútil! É inútil», e em outros passos.) Figuras assim não se apagam mais. (Brandão está aqui mais alto que Dostoievski. (Nota: Que tremenda coragem a desta asserção!) Chamiço com o seu velho chapéu de palha na noite cortante de frio, Candidinha cheia de orgulho com o seu gasto penante, e Gebo e as suas contas, hesitante; a pobre Doroteia, todos...

1925 / CONTINUAÇÃO, PROVAVELMENTE DIAS DEPOIS

A este homem estranho devo-lhe uma coisa enorme: foi num livro dele (com D. João da Câmara e Maximiliano de Azevedo) que aprendi a ler, a sentir as belezas e dores da vida através da forma. Sobre esse livro chorei — chorou comigo uma geração de petizes que hoje não conheço, lendo aquelas páginas tão simples e tão vivas do Velho professor que morria, sob o voo alegre das andorinhas, um raio de sol poente a doirar-lhe o sorriso... Assim, Raul Brandão anda no meu espírito, desde os primeiros passos. Foi a primeira mão que me guiou o espírito. Possa pagar-lhe em gratidão, em admiração, o muito de bom, de belo, de comovedor que o meu espírito lhe deve.

Afinal, este homem que me parecia andar suspenso da vida exterior, vive dentro de si como num mundo. O seu mundo, como o sol, e a chuva, e os longos dias de névoa — é a sua alma. Por isso toda a sua literatura é feita de retalhos, de pedaços de alma que crucifica no papel... A paisagem não lhe interessa pelo que tem em si, mas pelos estados de espírito que lhe provoca. Os pobres, talvez o mesmo.

Um dia viu-me deprimido (eu queixei-me), era um dia de chuva densa de inverno, e disse-me: «O sol! O sol tem-no a gente cá dentro!»

José Rodrigues Miguéis



José Rodrigues Miguéis e Manuel Mendes, dois jovens seareiros num passeio da Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz) em 1928. © John Hay Library, Brown University



José Rodrigues Miguéis no seu escritório. Nova Iorque, 1945. © John Hay Library, Brown University

A CASA DA ANDRÉA

OLÉO DE FLORES

ANDRÉA ZAMORANO



ão me lembro quando as vozes começaram a sair de dentro da barri-
ga do prédio abandonado que as pessoas aqui do bairro chamavam
de Esqueleto. Antes, só os silêncios gelados recobriam os pilares de
cimento carcomido, depois começamos a ouvir. Choros baixinhos
vinham em soluços fracos quase sem força nenhuma para saltar cá
para fora. Fechávamos os olhos bem fechados e, firmando a con-
centração, éramos capazes de ouvir um sussurro de lágrimas que
pareciam cansadas de chorar as dores que tinham. Com os ouvidos

bem abertos, escondíamos-nos detrás de um dos montes de entulho, parte da cordilheira de escom-
bros que ladeava a construção, adivinhando o sofrimento das vozeszinhas débeis, a nossa vontade
verdadeira era sair disparados até a casa para pedir um remédio a mãe e parar aquela dor. Depois,
com a salvação na forma duma colher de xarope, correr de volta para dentro das tripas de concreto
do edifício. Mas sabíamos ser proibido entrar no Esqueleto.

Quando alguém era forçado a aventurar-se pela sua geografia, nunca mais regressava. Menos
os que usavam uniforme. Talvez as roupas iguais funcionassem como uma bússola ou até como
um escudo protetor. Um dos meus irmãos indagou o pai sobre as pessoas obrigadas a entrar na

desconstrução, ao que soubemos que só levavam para lá os maus. Esse meu irmão convenceu-se que devido ao danoso traço das suas personalidades, tivessem ficado defeituosos na suas faculdades não sendo capazes de regressar. Eu acreditava que o Esqueleto os comia a todos. Ficavam presos no seu estômago, por isso choravam.

As vezes, na madrugada funda, a barriga do Esqueleto nos acordava com gritos. E olha que é difícil acordar sono de criança depois de um dia de brincadeiras na rua. Mas os berros empurravam a janela do quarto com força e instalavam-se dentro dos nossos ouvidos. Escondia a minha cabeça debaixo do cobertor mas não adiantava. Tinha muito medo de que algum daqueles uivos me acertasse. Ficava quietinha, imóvel, os ouvidos fechados para não se lembrarem de mim. Pela manhã, quando os pais não abriam a boca nem para um gole de café, sabíamos todos ter ouvido a indigestão noturna do Esqueleto.

Numa ocasião, o monstro cinzento sorveu uma mulher grávida como um bombom. Numa bocada só. Mal entrou, deixamos de ouvi-la. Ficamos ali especados, a tentar perceber nos retângulos ocos da estrutura de betão os restos dos seus sons. Nada. Então, dois homens de casaco e gravata preta chegaram, carregavam um saco. Entraram para o Esqueleto convictos da imunidade das suas fardas. Pouco tempo depois, um já não trazia o saco, o outro vinha com um

minúsculo bebe ao colo. Sabíamos que era minúsculo não porque o pudéssemos ver, enrolado que estava num pano, mas éramos capazes de ouvir o mais pequeno choro que jamais alguém chorara. Os homens sombrios caminharam até um carro, também ele preto, a porta abriu-se e vimos os braços de uma mulher muito bem vestida a se esticarem, agarrando no recém-nascido como se fosse seu. O carro arrancou com a senhora e o seu novo filho. Possivelmente o Esqueleto tivesse poupado a criança pois ele próprio nunca chegara a nascer; ou quem sabe fosse uma maneira de se permitir ver a luz; ou acaso estivesse apenas a se enganar, acreditando que ao libertar a criança para outra mãe o perdoassem um pouco. Não soubemos. Após esse dia, desejei apenas que o Esqueleto começasse a sofrer de refluxo e vomitasse alguém. A verdadeira mãe do bebê nunca foi regurgitada.

De dia para dia, fui desacreditando que houvesse naquelas entranhas qualquer piedade, mais pessoas eram tragadas pelo Esqueleto e em tal número as devorava que não demorou muito para outras tantas vozes se indignarem e começarem a ser ouvidas do lado de fora da besta. Multidões bradavam pelas ruas. Exigiam o fim daquelas práticas. Eram milhares as vozes a clamar, o Esqueleto não era capaz de comer aquelas pessoas todas.

O barulho no exterior passou a ser incontroladamente maior, abafando os sons do ventre

prédio que aos poucos foi diminuindo. Fomos deixando de ouvir até tudo se ter tornado, como no início, um silêncio gelado.

Esquecemo-nos. Cada um foi viver as suas vidas, acreditando impossível regressar ao estado de voracidade anterior e possível querermos ser todos iguais. E o Esqueleto passou a ser apenas o que deveria, um prédio calado.

Um dia em que o pai já havia morrido fazia tempo, estávamos todos na cozinha, as crianças corriam pela casa, mas já não éramos nós. Eram os nossos filhos. A mãe cuidava de fazer o bolo de anos para o aniversário do meu sobrinho e comecei a ouvir ao longe, muito longe, um lamento quase inaudível que parecia feito de argamassa. O frio que me tinha ficado gravado nos ouvidos desde a infância começou a enregelar-me a alma e quatro homens fardados tocaram a campainha. Algemaram o meu irmão mais velho, as crianças pararam de correr, a minha cunhada agarrou-se a um dos homens, empurram-na para trás, e continuaram a caminhar para fora da casa mantendo a cabeça do meu irmão para baixo, no portão da rua os nossos olhares cruzaram-se sem palavras. Levaram-no para dentro do Esqueleto.

Naquela noite, todos tivemos indigestão.

MARIANA

OS LIVROS DO DESASSOSSEGO

COTINHO

A artista Mariana Dias Coutinho foi convidada para, durante os Dias do Desassossego do ano passado, realizar uma intervenção que tinha como ponto de partida o universo de Fernando Pessoa e José Saramago. O resultado dessa iniciativa, realizada em parceria com a Galeria de Arte Urbana (GAU) da Câmara de Lisboa, pode ser visto diariamente num muro da Rua do Alecrim. Mariana aceitou o desafio da *Blimunda* e abriu as portas do seu atelier — que por coincidência foi um dos escritórios onde Fernando Pessoa trabalhou ao longo da vida — para ser fotografada com os livros que a desassossegam.



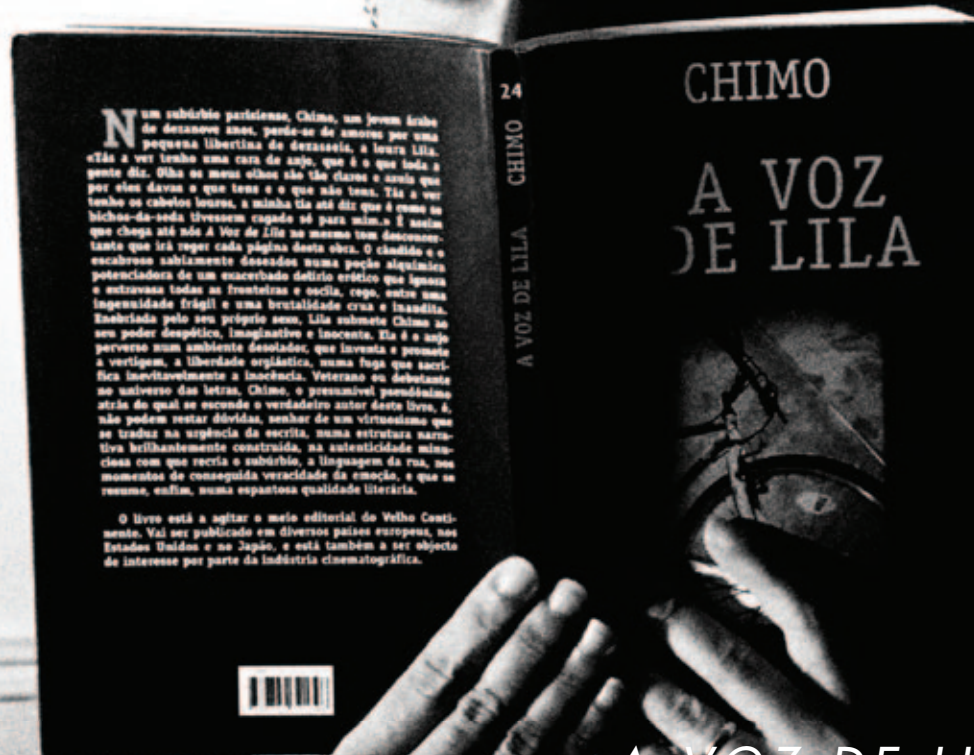
OS MAIAS

OS MAIAS
EÇA DE QUEIROZ

OS MAIAS, EÇA DE QUEIROZ



*ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA SATÍRICA E ERÓTICA,
SEL. NATÁLIA CORREIA*



Num subúrbio paulistano, Chimo, um jovem árabe de dezasseis anos, pensa-se de amores por uma pequena libertina de dezasseis, a loura Lila. «Tás a ver tenho uma cara de anjo, que é o que toda a gente diz. Olha os meus olhos não são tão claros e azuis que por eles davas o que tens e o que não tens. Tás a ver tenho os cabelos louros, a minha tia até diz que é como se bichos-da-seda tivessem ragado só para mim...» É assim que chega até nós *A Voz de Lila* no mesmo tom desconcertante que irá reger cada página desta obra. O claudido e o enchevono sabidamente desordenados numa poeira alquímica potenciadora de um enchevado delirio crítico que ignora e atravessa todas as fronteiras e acção, rego, entre uma ingenuidade frágil e uma brutalidade crua e inaudita. Enxerçada pelo seu próprio amor, Lila submete Chimo ao seu poder despótico, imaginativo e inocente. Ela é a suje perverte num ambiente desolador, que inventa e promove a vertigem, a liberdade orgiástica, numa fuga que sacrifica inevitavelmente a inocência. Veterano ou debutante no universo das letras, Chimo, o presumível pseudónimo atrás do qual se esconde o verdadeiro autor deste livro, é, não podendo restar dúvidas, senão de um virtuoso, que se traduz na aspéncia da escrita, numa estrutura narrativa brilhantemente construída, na autenticidade minuciosa com que recita o subúrbio, a linguagem da rua, nos momentos de conseguida veracidade da emoção, e que se resume, enfim, numa espantosa qualidade literária.

O livro está a agitar o meio editorial do Velho Continente. Vai ser publicado em diversos países europeus, nos Estados Unidos e no Japão, e está também a ser objecto de interesse por parte da indústria cinematográfica.

A VOZ DE LILA, CHIMO



AS BRUMAS DE AVALON, MARION ZIMMER BRADLEY



O TEMPO, ESSE GRANDE ESCULTOR, MARGUERITE YOURCENAR

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



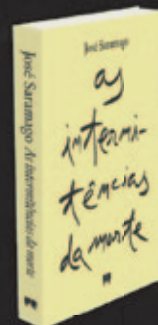
Eduardo Lourenço



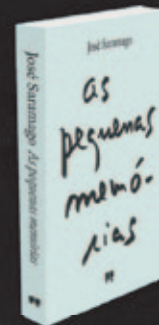
Armando Baptista-Bastos



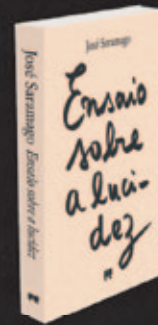
Mário de Carvalho



Valter Hugo Mãe



Gonçalo M. Tavares



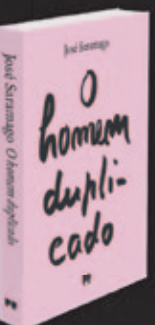
Dulce Maria Cardoso



Álvaro Siza Vieira



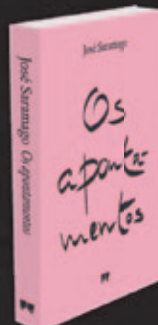
Júlio Pomar



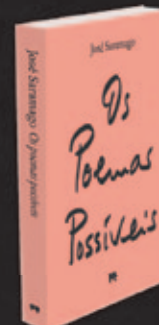
Lídia Jorge



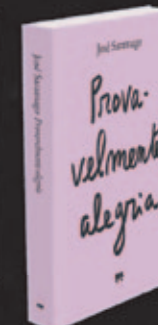
Mia Couto



Maria do Céu Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO o
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACÇÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

♥
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



PREMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN

ANDREIA
BRITES

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

Quando foi pela primeira vez atribuído, em 1956, o Prémio Hans Christian Andersen materializou o último elemento de um triunvirato idealizado por Jella Lepman para defender a literatura infantojuvenil no mundo. Mais ainda, para cimentar a ideologia pacifista nas crianças e pelas crianças no pós guerra.

O preâmbulo do prémio

Estávamos em 1945. A autora e jornalista alemã naturalizada inglesa regressa ao seu país natal a convite das forças armadas americanas como consultora no programa de reeducação de mulheres e crianças vítimas da guerra. E defende que é nas crianças que reside o poder de nunca se regressar a uma situação como a vivida no nazismo e consequentemente na Segunda Guerra Mundial. Para isso há que mostrar as pontes que se podem estabelecer entre meninos e meninas de eixos geográficos e culturais distintos, na tentativa de assegurar o fim da discriminação. Como? Através da literatura. Jella Lepman acredita que, através da literatura infantil e das experiências universais que testemunha e recria, os adultos também ganharão uma consciência moral e cívica acerca da igualdade de direitos tanto quanto da própria condição humana.

Assim, e apesar das dificuldades financeiras e logísticas, Lepman consegue montar uma exposição em Munique, em 1946. É uma exposição de livros infantis que conta com cerca de 4000

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

títulos, doados por editoras internacionais com quem a jornalista tinha entrado em contacto desde o ano anterior, por forma a ter livros para ler e explorar com as crianças e jovens a quem dava apoio. A exposição teve lugar na Casa das Artes (Haus der Kunst), simbolicamente escolhida por ter sido um bastião da cultura e da propaganda no regime nazi. O processo de reeducação e sensibilização do povo alemão contra o famigerado ideário de Hitler era uma pedra basilar na reconstrução da Alemanha e Jella Lepman provou que a literatura infantil detinha um amplo poder. Para além dos catorze países representados na mostra e da proliferação de livros, as paredes do Museu foram cobertas de desenhos de crianças, dando ainda mais enfoque à revolução que se prendia operar pela paz. Foi a primeira exposição internacional realizada na Alemanha depois do final da guerra. A receptividade foi imensa, por parte de crianças e adultos que acorreram em grande número.

Para que, depois da exposição, o público infantil e juvenil pudesse continuar a aceder aos títulos, Jella Lepman protagoniza uma segunda iniciativa: a criação de uma biblioteca internacional especialmente destinada a esta faixa etária. Assim acontece em 1949, três anos após a exposição, devido a dificuldades financeiras e burocráticas. Estes três anos de intervalo conseguiram, apesar de tudo, um cúmulo de 8000 títulos para serem lidos livremente por toda a comunidade. Numa vila na cidade de Munique começa a longa história da incontornável Biblioteca Interna-

VISITANTE DA EXPOSIÇÃO DE 1946



O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

cional da Juventude de Munique, a maior do mundo dedicada ao livro infantil e juvenil que hoje funciona no idílico castelo de Blutenburg.

A terceira iniciativa foi o primeiro congresso do IBBY. Devido à influência e ao trabalho de Jella Lepman na área da leitura e a um ambiente especialmente favorável ao envolvimento em projetos de mudança e recuperação, foram muitos os que se interessaram por ajudar a renascer a produção e o acesso à literatura infantil, agora em liberdade. Em 1951, Lepman reuniu um grupo de professores, autores, editores e pensadores em torno do tópico da literatura infantil: *International Understanding through Children's Books*. A afluência superou as expectativas e ali se decidiu pela criação de uma organização internacional que defendesse e promovesse o livro infantil. Formou-se um comité que no ano seguinte delineava as linhas gerais da organização e em 1953 acontece a primeira Assembleia Geral do International Board on Books for Young People (IBBY). É nesta ocasião que surge pela primeira vez a intenção de se atribuir um prémio a um autor de literatura infantil e juvenil, como forma de incentivar a sua produção e de destacar a sua qualidade.

Prémio Andersen, intenções e fundamentos

O pós guerra trouxe consigo uma grave crise de matérias-primas e de produção. Nesse contexto, publicar livros era uma tarefa morosa e que dificilmente conseguia sustentar os autores,

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

especialmente na Alemanha. Por outro lado, muitos deles estavam sedentos de poder voltar a criar livremente, como aconteceu com Erich Kästner, que embora não tenha abandonado o país durante a guerra, viu os seus livros proibidos. A criação de um prémio internacional ajudaria a re-erguer o setor e animaria uma nova geração com muito para dizer e poucos meios para o fazer.

Assim se justifica que o critério para as primeiras três edições do Andersen não tenha sido o valor da obra de um autor e sim um livro de indiscutível valor literário editado nos dois anos imediatamente anteriores ao congresso do IBBY no qual o prémio seria atribuído.

Tendo em conta que a distinção sempre foi bienal, quando o critério se alterou para se centrar na obra de um escritor, e depois também de um ilustrador, a Europa entrava na década de sessenta, e os efeitos mais imediatos da devastação da Segunda Guerra Mundial haviam sido erradicados.

O Prémio Andersen foi desde o início norteado por fundamentos muito claros e exigentes: estimular a criação de texto e ilustração para a infância, a promoção da leitura junto das crianças e a tradução das obras no maior número de países possível. Desta forma, o prémio funcionaria como legitimador.

A democracia, como valor supremo, implicava para os fundadores da organização uma participação internacional que logo se atingiu com representantes da Alemanha, Suíça, Holanda, Suécia, Noruega ou Áustria. Na raiz do IBBY constava a criação de secções nacionais por parte

BIBLIOTECA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE DE MUNIQUE



O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

de todos os países que assim o desejassem, e que em cada geografia aplicassem os mesmos princípios de divulgação e promoção do livro infantil. Ao prémio apenas poderiam concorrer nomes designados por cada uma das secções nacionais que integrassem a organização, o que acontece até hoje. Assim, criava-se uma teia de circulação e comunicação que daria a conhecer a literatura de países com menos recursos e acesso a palcos internacionais, aproximando autores, editores, professores, livreiros e bibliotecários.

O designio cumpriu-se e continua vivo, como se pode verificar pela nomeação ao prémio em 2016. No total foram nomeados 28 escritores e 29 ilustradores de 34 países de todos os continentes. Apesar disso, o IBBY ainda não consegue implementar-se ou manter a sua presença em países com dificuldades financeiras ou estruturais. Muitos países não têm estruturas que permitam alimentar, sem apoio financeiro, uma estrutura que implica um programa próprio e uma quotização ao IBBY internacional. Esses, como acontece atualmente com Portugal, veem-se impedidos de nomear escritores e ilustradores para o mais prestigiado prémio no setor.

Sessenta anos depois de se conhecer a primeira laureada, a escritora inglesa Eleanor Farjeon, pelo livro *The Little Bookroom*, o prémio é conhecido como nada mais nada menos do que o Nobel da Literatura Infantil. Constar da lista de nomeados é, por isso, sinónimo de prestígio e visibilidade.

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

Desde 1956, houve algumas alterações. A primeira, a alteração da distinção de um título para a totalidade da obra. A segunda, a inclusão de uma categoria específica para a ilustração, em 1966, como forma de lhe dar a autonomia e a atenção que merece, por si só.

No que respeita aos critérios que norteiam a avaliação do júri, esses mantêm-se inalterados. E demonstram que numa época tão sensível quanto a do pós guerra os seus criadores não se deixaram toldar por alguma condescendência em prol da universalização da literatura infantojuvenil. Pelo contrário, passar no crivo do júri, a cada dois anos, não é tarefa fácil. É isso que dota o Hans Christian Andersen Award de uma identidade assumidamente implicada e forte. Não há outra recompensa que não a medalha com o rosto do escritor dinamarquês gravado. Apenas e tão só a possibilidade de fazer parte de uma elite de autores que conseguem atingir um grau superior de qualidade estética, e captam o olhar da criança sobre o mundo, estimulando a sua imaginação e curiosidade.

Os autores Andersen

Aquando da implementação do prémio, os títulos e logo depois as obras distinguidas deveriam cumprir uma missão universalizante. Significa isto que era condição reconhecer nos temas e na



THE LITTLE BOOKROOM, ILUSTRAÇÃO DE EDWARD ARDIZZONE

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

sua abordagem elementos passíveis de serem lidos e recebidos por crianças de qualquer país, com uma experiência social e cultura diferente entre si.

Esta universalidade, patente nas obras, serviria de suporte à democratização do acesso à literatura tanto quanto do reconhecimento de si no outro, no alargamento do conhecimento e no apelo à curiosidade: ver o outro como próximo, encontrar elos de ligação, impediria a sua discriminação.

Eleanor Farjeon granjeou o prémio na sua primeira edição pelo livro *The Little Bookroom* (1955), onde colige cerca de 30 contos. A abolição de fronteiras entre fantasia e realidade e a estrutura das narrativas remetem para autores clássicos como o próprio Hans Christian Andersen o que, segundo o júri, cumpre plenamente o objetivo de recuperar os clássicos e lhes oferecer um palco maior do que a sua origem geográfica.

A experiência da infância era um elemento a considerar: dar esperança e um mundo alternativo ao leitor que precisa de reconstruir o imaginário. *Pipi das Meias Altas* representa precisamente essa alternativa livre, de certa forma heróica na sua ingenuidade e o facto de o livro ter sido publicado em 1945 torna-o ainda mais emblemático. *Rasmus on the Road*, que mereceu a distinção com o Prémio Andersen na sua segunda edição, afasta-se da força da personagem feminina mas persiste em alimentar a esperança e a determinação da criança, temas sempre caros a Astrid Lindgren, também ela uma das fundadoras do IBBY.

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

Ao percorrer a lista encontramos alguns autores notoriamente implicados socialmente e inovadores do ponto de vista literário e artístico como Anthony Browne, Lygia Bojunga, Peter Sís, Tomi Ungerer ou David Almond. Com eles, novas estruturas narrativas, quer textuais quer visuais, foram erigidas, pelo uso da elipse ou da focalização, assim como dos saltos temporais ou espaciais. A figuração, a escolha de temas até então circunscritos ao universo da literatura para adultos e a escolha dos elementos simbólicos são alguns dos aspetos a realçar.

Christine Nortlinger, por exemplo, é o paradigma da escritora realista, que se dedica a temas sociais e os leva aos adolescentes como exemplos e modelos de identificação e reflexão. Ficou inevitavelmente mais datada, precisamente pela relação estreita que se via obrigada a estabelecer com marcas da sua contemporaneidade. Se por um lado recebeu o reconhecimento por parte de leitores de diversos eixos geográficos na época, é verdade que hoje muitos não se identificam com o contexto espacial, nem com alguns elementos que compõem as personagens principais. Todavia, é preciso não esquecer que esta linha literária também fez escola em muitos países. Em Portugal, por exemplo, Alice Vieira é a grande representante do estilo, seguida por António Mota, alguns anos mais tarde.

Do ponto de vista da revolução artística e literária, não há como ignorar o nome de Maurice Sendak, o pai do *picture book*, que dessacralizou a visão maniqueísta da criança e inovou na



LIVROS DE KVETA PACOVSKÁ

O NOBEL DA LITERATURA INFANTOJUVENIL FAZ 60 ANOS

composição gráfica do álbum. Também Kveta Pacovská rompeu fronteiras da arte, até então muito confinadas a um género distante do público mais novo.

Os nomes dos vencedores são muitos, e outros de igual qualidade têm ficado de fora. O que é difícil de contestar, e por isso assinalável, é que não estejam, ou tenham estado, na galeria dos melhores. A língua continua no entanto a ser um fator de peso para a atribuição do prémio. Autores cujas obras se publiquem apenas no seu país de origem têm poucas ou nenhuma probabilidade de chegar à *short list* e muito menos de vencer o galardão. Apesar dos esforços da organização e da rotatividade do júri, que muda a cada edição, a democratização do acesso está longe de ser plena. Por outro lado, a visibilidade do prémio e a sua legitimidade continuam a agilizar traduções. Se nem todos os países conseguem integrar o IBBY e nomear autores, alguns pelo menos conseguirão que os seus leitores em formação, os seus mediadores e os seus investigadores possam ler obras de qualidade finalmente traduzidas na sua língua.

AND THE WINNER IS...

PRÉMIOS HANS
CHRISTIAN ANDERSEN

Cao Wenxuan

O autor chinês, cujas traduções tiveram muita receptividade, retrata infâncias duras enquadradas na realidade do país, mas simultaneamente universais pela construção realista das personagens e das suas relações. *Bronze and Sunflower* é um dos seus títulos mais conhecidos, passado numa zona rural da China, durante a Revolução Cultural.

**Rotraut Susanne
Berner**

A ilustradora alemã tem um traço reconhecível e uma estética narrativa detalhada. Com estas características explora o humor e o realismo, o lúdico e o ingénuo, a alegria e o infortúnio, em muitos álbuns sem texto e em outros, em parceria com escritores como o premiado Jurg Schubiger.

PRÉMIO ALMA
ASTRID LINDGREN
MEMORIAL AWARD

Meg Rosoff

A escritora norte-americana que vive em Londres escreve essencialmente para jovens e foi distinguida com o Carnegie Medal e o Guardian Children's Fiction Prize. A sua narrativa mais conhecida, *How I Live Now*, está traduzida para português pela Presença, com o título *Em Nome do Amor*.

BOP

**Melhores editoras
infantojuvenis do ano,
escolhidas pelos pares,
e organizadas por
áreas geográficas**
África: *Bumble Books*
/Publishing Print
Matters, África do Sul
Ásia: *Kalimat*,
Emirados Árabes
Unidos
América Central e do
Sul: *Ediciones Ekaré*,
Venezuela
América do Norte:
Groundwood Books,
Canadá
Europa: *Andersen*
Press, Reino Unido
Oceânia: *Book Island*,
Nova Zelândia

PRÉMIO
INTERNACIONAL
DE ILUSTRAÇÃO

**Feira do Livro
Infantil de Bolonha e
Fundação SM
Juan Palomino
(México)**

GAIA FUNHO

VISITA GUIADA

ANDREIA BRITES

O escritório da GATAfunho fica num prédio habitacional em plena Lisboa. Quando entramos, logo nos apercebemos das estantes, tanto quanto da presença de Cuca, a cadela da família. Ana Paula Faria, a sua filha Inês e o marido Carlos Araújo partilham a mesma sala, ampla, e António fica com outra para si. Quando a editora nos conta que aquela é a parte profissional da casa, Inês confessa, entre risos, que é ali que passam grande parte do tempo, mesmo à noite. A secretária é enorme, embora de tampo pouco se veja, entre papéis, livros e um precioso portátil onde tudo acontece. Atualmente, a maioria dos livros estrangeiros que recebem chegam em versão pdf. Ana Paula tem pena. Gosta de ver a impressão, o papel, demorar-se nos detalhes. Mas o livro físico só é enviado quando o contrato de compra de direitos está praticamente fechado. Apesar do espaço, mãe e filha trabalham muito juntas, com as cadeiras lado a lado e muitas vezes com o olhar sobre o mesmo ecrã. Complementam-se: Ana Paula gosta mais da edição e Inês da livraria. Enquanto acaba o mestrado em Teoria da Literatura aprofunda o seu gosto por narrativas negras e dedica-se a questionar se valeria a pena apostar numa coleção para um público jovem adulto. Ana Paula, por sua vez, tem um fascínio por Virginia Wolf, Oscar Wilde, Katherine Mansfield. Esta última pela economia textual das suas *short stories* de final aberto. Estão todos numa coluna específica da estante, aquela a que dá as costas quando se senta à secretária.

Ali, para além dos principais livros da sua formação, estão presentes da filha quando era pequena, e do marido, e ainda alguns perfumes em miniatura que adora.

Não é a única coluna que lhe pertence, mas é a mais querida, a que mais a representa. Dos livros que preenchem toda a parede, há histórias. Histórias que se confundem com a biografia de Carlos Araújo, outras com a de Ana Paula Faria: livros por onde estudaram, livros que os apaixonaram, livros que lhes foram oferecidos e dedicados. Para verem o Campo dos Mártires da Pátria não precisam de se levantar. Contudo, Ana Paula fá-lo muitas vezes, vai até à varanda e ali fica, demoradamente, a observar as pessoas que passam, a árvore despida ou vestida (consoante as estações do ano) que se estende à altura do primeiro andar, ou o pavão cumpridor que atravessa a rua na passadeira, entre o jardim e o parque infantil. Sentada à secretária ou na varanda, acontece-lhe perder-se nos seus pensamentos, e precisa disso. Não havia então outra alternativa senão dispor a secretária assim, com as estantes a protegerem a retaguarda prolongando-se por toda a parede. Por cima da porta da varanda, umas maquetes de *Pau de Giz* recordam a editora de um livro antigo, de que gosta muito. «Às vezes tenho saudades. E gosto muito desta ilustração.»







VINTAGE WILLIAMS

BUTCHER'S CROSSING

Bonjour + Desiderio

Prof. Ana (measualvo)

Lúcia Ferreira

Fernando (vivo)

Ospite - o que se perdeu

12 - 13 - 14 - 15 - Miguel

→ 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52 - 53 - 54 - 55 - 56 - 57 - 58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66 - 67 - 68 - 69 - 70 - 71 - 72 - 73 - 74 - 75 - 76 - 77 - 78 - 79 - 80 - 81 - 82 - 83 - 84 - 85 - 86 - 87 - 88 - 89 - 90 - 91 - 92 - 93 - 94 - 95 - 96 - 97 - 98 - 99 - 100 - 101 - 102 - 103 - 104 - 105 - 106 - 107 - 108 - 109 - 110 - 111 - 112 - 113 - 114 - 115 - 116 - 117 - 118 - 119 - 120 - 121 - 122 - 123 - 124 - 125 - 126 - 127 - 128 - 129 - 130 - 131 - 132 - 133 - 134 - 135 - 136 - 137 - 138 - 139 - 140 - 141 - 142 - 143 - 144 - 145 - 146 - 147 - 148 - 149 - 150 - 151 - 152 - 153 - 154 - 155 - 156 - 157 - 158 - 159 - 160 - 161 - 162 - 163 - 164 - 165 - 166 - 167 - 168 - 169 - 170 - 171 - 172 - 173 - 174 - 175 - 176 - 177 - 178 - 179 - 180 - 181 - 182 - 183 - 184 - 185 - 186 - 187 - 188 - 189 - 190 - 191 - 192 - 193 - 194 - 195 - 196 - 197 - 198 - 199 - 200 - 201 - 202 - 203 - 204 - 205 - 206 - 207 - 208 - 209 - 210 - 211 - 212 - 213 - 214 - 215 - 216 - 217 - 218 - 219 - 220 - 221 - 222 - 223 - 224 - 225 - 226 - 227 - 228 - 229 - 230 - 231 - 232 - 233 - 234 - 235 - 236 - 237 - 238 - 239 - 240 - 241 - 242 - 243 - 244 - 245 - 246 - 247 - 248 - 249 - 250 - 251 - 252 - 253 - 254 - 255 - 256 - 257 - 258 - 259 - 260 - 261 - 262 - 263 - 264 - 265 - 266 - 267 - 268 - 269 - 270 - 271 - 272 - 273 - 274 - 275 - 276 - 277 - 278 - 279 - 280 - 281 - 282 - 283 - 284 - 285 - 286 - 287 - 288 - 289 - 290 - 291 - 292 - 293 - 294 - 295 - 296 - 297 - 298 - 299 - 300 - 301 - 302 - 303 - 304 - 305 - 306 - 307 - 308 - 309 - 310 - 311 - 312 - 313 - 314 - 315 - 316 - 317 - 318 - 319 - 320 - 321 - 322 - 323 - 324 - 325 - 326 - 327 - 328 - 329 - 330 - 331 - 332 - 333 - 334 - 335 - 336 - 337 - 338 - 339 - 340 - 341 - 342 - 343 - 344 - 345 - 346 - 347 - 348 - 349 - 350 - 351 - 352 - 353 - 354 - 355 - 356 - 357 - 358 - 359 - 360 - 361 - 362 - 363 - 364 - 365 - 366 - 367 - 368 - 369 - 370 - 371 - 372 - 373 - 374 - 375 - 376 - 377 - 378 - 379 - 380 - 381 - 382 - 383 - 384 - 385 - 386 - 387 - 388 - 389 - 390 - 391 - 392 - 393 - 394 - 395 - 396 - 397 - 398 - 399 - 400 - 401 - 402 - 403 - 404 - 405 - 406 - 407 - 408 - 409 - 410 - 411 - 412 - 413 - 414 - 415 - 416 - 417 - 418 - 419 - 420 - 421 - 422 - 423 - 424 - 425 - 426 - 427 - 428 - 429 - 430 - 431 - 432 - 433 - 434 - 435 - 436 - 437 - 438 - 439 - 440 - 441 - 442 - 443 - 444 - 445 - 446 - 447 - 448 - 449 - 450 - 451 - 452 - 453 - 454 - 455 - 456 - 457 - 458 - 459 - 460 - 461 - 462 - 463 - 464 - 465 - 466 - 467 - 468 - 469 - 470 - 471 - 472 - 473 - 474 - 475 - 476 - 477 - 478 - 479 - 480 - 481 - 482 - 483 - 484 - 485 - 486 - 487 - 488 - 489 - 490 - 491 - 492 - 493 - 494 - 495 - 496 - 497 - 498 - 499 - 500 - 501 - 502 - 503 - 504 - 505 - 506 - 507 - 508 - 509 - 510 - 511 - 512 - 513 - 514 - 515 - 516 - 517 - 518 - 519 - 520 - 521 - 522 - 523 - 524 - 525 - 526 - 527 - 528 - 529 - 530 - 531 - 532 - 533 - 534 - 535 - 536 - 537 - 538 - 539 - 540 - 541 - 542 - 543 - 544 - 545 - 546 - 547 - 548 - 549 - 550 - 551 - 552 - 553 - 554 - 555 - 556 - 557 - 558 - 559 - 560 - 561 - 562 - 563 - 564 - 565 - 566 - 567 - 568 - 569 - 570 - 571 - 572 - 573 - 574 - 575 - 576 - 577 - 578 - 579 - 580 - 581 - 582 - 583 - 584 - 585 - 586 - 587 - 588 - 589 - 590 - 591 - 592 - 593 - 594 - 595 - 596 - 597 - 598 - 599 - 600 - 601 - 602 - 603 - 604 - 605 - 606 - 607 - 608 - 609 - 610 - 611 - 612 - 613 - 614 - 615 - 616 - 617 - 618 - 619 - 620 - 621 - 622 - 623 - 624 - 625 - 626 - 627 - 628 - 629 - 630 - 631 - 632 - 633 - 634 - 635 - 636 - 637 - 638 - 639 - 640 - 641 - 642 - 643 - 644 - 645 - 646 - 647 - 648 - 649 - 650 - 651 - 652 - 653 - 654 - 655 - 656 - 657 - 658 - 659 - 660 - 661 - 662 - 663 - 664 - 665 - 666 - 667 - 668 - 669 - 670 - 671 - 672 - 673 - 674 - 675 - 676 - 677 - 678 - 679 - 680 - 681 - 682 - 683 - 684 - 685 - 686 - 687 - 688 - 689 - 690 - 691 - 692 - 693 - 694 - 695 - 696 - 697 - 698 - 699 - 700 - 701 - 702 - 703 - 704 - 705 - 706 - 707 - 708 - 709 - 710 - 711 - 712 - 713 - 714 - 715 - 716 - 717 - 718 - 719 - 720 - 721 - 722 - 723 - 724 - 725 - 726 - 727 - 728 - 729 - 730 - 731 - 732 - 733 - 734 - 735 - 736 - 737 - 738 - 739 - 740 - 741 - 742 - 743 - 744 - 745 - 746 - 747 - 748 - 749 - 750 - 751 - 752 - 753 - 754 - 755 - 756 - 757 - 758 - 759 - 760 - 761 - 762 - 763 - 764 - 765 - 766 - 767 - 768 - 769 - 770 - 771 - 772 - 773 - 774 - 775 - 776 - 777 - 778 - 779 - 780 - 781 - 782 - 783 - 784 - 785 - 786 - 787 - 788 - 789 - 790 - 791 - 792 - 793 - 794 - 795 - 796 - 797 - 798 - 799 - 800 - 801 - 802 - 803 - 804 - 805 - 806 - 807 - 808 - 809 - 810 - 811 - 812 - 813 - 814 - 815 - 816 - 817 - 818 - 819 - 820 - 821 - 822 - 823 - 824 - 825 - 826 - 827 - 828 - 829 - 830 - 831 - 832 - 833 - 834 - 835 - 836 - 837 - 838 - 839 - 840 - 841 - 842 - 843 - 844 - 845 - 846 - 847 - 848 - 849 - 850 - 851 - 852 - 853 - 854 - 855 - 856 - 857 - 858 - 859 - 860 - 861 - 862 - 863 - 864 - 865 - 866 - 867 - 868 - 869 - 870 - 871 - 872 - 873 - 874 - 875 - 876 - 877 - 878 - 879 - 880 - 881 - 882 - 883 - 884 - 885 - 886 - 887 - 888 - 889 - 890 - 891 - 892 - 893 - 894 - 895 - 896 - 897 - 898 - 899 - 900 - 901 - 902 - 903 - 904 - 905 - 906 - 907 - 908 - 909 - 910 - 911 - 912 - 913 - 914 - 915 - 916 - 917 - 918 - 919 - 920 - 921 - 922 - 923 - 924 - 925 - 926 - 927 - 928 - 929 - 930 - 931 - 932 - 933 - 934 - 935 - 936 - 937 - 938 - 939 - 940 - 941 - 942 - 943 - 944 - 945 - 946 - 947 - 948 - 949 - 950 - 951 - 952 - 953 - 954 - 955 - 956 - 957 - 958 - 959 - 960 - 961 - 962 - 963 - 964 - 965 - 966 - 967 - 968 - 969 - 970 - 971 - 972 - 973 - 974 - 975 - 976 - 977 - 978 - 979 - 980 - 981 - 982 - 983 - 984 - 985 - 986 - 987 - 988 - 989 - 990 - 991 - 992 - 993 - 994 - 995 - 996 - 997 - 998 - 999 - 1000 - 1001 - 1002 - 1003 - 1004 - 1005 - 1006 - 1007 - 1008 - 1009 - 1010 - 1011 - 1012 - 1013 - 1014 - 1015 - 1016 - 1017 - 1018 - 1019 - 1020 - 1021 - 1022 - 1023 - 1024 - 1025 - 1026 - 1027 - 1028 - 1029 - 1030 - 1031 - 1032 - 1033 - 1034 - 1035 - 1036 - 1037 - 1038 - 1039 - 1040 - 1041 - 1042 - 1043 - 1044 - 1045 - 1046 - 1047 - 1048 - 1049 - 1050 - 1051 - 1052 - 1053 - 1054 - 1055 - 1056 - 1057 - 1058 - 1059 - 1060 - 1061 - 1062 - 1063 - 1064 - 1065 - 1066 - 1067 - 1068 - 1069 - 1070 - 1071 - 1072 - 1073 - 1074 - 1075 - 1076 - 1077 - 1078 - 1079 - 1080 - 1081 - 1082 - 1083 - 1084 - 1085 - 1086 - 1087 - 1088 - 1089 - 1090 - 1091 - 1092 - 1093 - 1094 - 1095 - 1096 - 1097 - 1098 - 1099 - 1100 - 1101 - 1102 - 1103 - 1104 - 1105 - 1106 - 1107 - 1108 - 1109 - 1110 - 1111 - 1112 - 1113 - 1114 - 1115 - 1116 - 1117 - 1118 - 1119 - 1120 - 1121 - 1122 - 1123 - 1124 - 1125 - 1126 - 1127 - 1128 - 1129 - 1130 - 1131 - 1132 - 1133 - 1134 - 1135 - 1136 - 1137 - 1138 - 1139 - 1140 - 1141 - 1142 - 1143 - 1144 - 1145 - 1146 - 1147 - 1148 - 1149 - 1150 - 1151 - 1152 - 1153 - 1154 - 1155 - 1156 - 1157 - 1158 - 1159 - 1160 - 1161 - 1162 - 1163 - 1164 - 1165 - 1166 - 1167 - 1168 - 1169 - 1170 - 1171 - 1172 - 1173 - 1174 - 1175 - 1176 - 1177 - 1178 - 1179 - 1180 - 1181 - 1182 - 1183 - 1184 - 1185 - 1186 - 1187 - 1188 - 1189 - 1190 - 1191 - 1192 - 1193 - 1194 - 1195 - 1196 - 1197 - 1198 - 1199 - 1200 - 1201 - 1202 - 1203 - 1204 - 1205 - 1206 - 1207 - 1208 - 1209 - 1210 - 1211 - 1212 - 1213 - 1214 - 1215 - 1216 - 1217 - 1218 - 1219 - 1220 - 1221 - 1222 - 1223 - 1224 - 1225 - 1226 - 1227 - 1228 - 1229 - 1230 - 1231 - 1232 - 1233 - 1234 - 1235 - 1236 - 1237 - 1238 - 1239 - 1240 - 1241 - 1242 - 1243 - 1244 - 1245 - 1246 - 1247 - 1248 - 1249 - 1250 - 1251 - 1252 - 1253 - 1254 - 1255 - 1256 - 1257 - 1258 - 1259 - 1260 - 1261 - 1262 - 1263 - 1264 - 1265 - 1266 - 1267 - 1268 - 1269 - 1270 - 1271 - 1272 - 1273 - 1274 - 1275 - 1276 - 1277 - 1278 - 1279 - 1280 - 1281 - 1282 - 1283 - 1284 - 1285 - 1286 - 1287 - 1288 - 1289 - 1290 - 1291 - 1292 - 1293 - 1294 - 1295 - 1296 - 1297 - 1298 - 1299 - 1300 - 1301 - 1302 - 1303 - 1304 - 1305 - 1306 - 1307 - 1308 - 1309 - 1310 - 1311 - 1312 - 1313 - 1314 - 1315 - 1316 - 1317 - 1318 - 1319 - 1320 - 1321 - 1322 - 1323 - 1324 - 1325 - 1326 - 1327 - 1328 - 1329 - 1330 - 1331 - 1332 - 1333 - 1334 - 1335 - 1336 - 1337 - 1338 - 1339 - 1340 - 1341 - 1342 - 1343 - 1344 - 1345 - 1346 - 1347 - 1348 - 1349 - 1350 - 1351 - 1352 - 1353 - 1354 - 1355 - 1356 - 1357 - 1358 - 1359 - 1360 - 1361 - 1362 - 1363 - 1364 - 1365 - 1366 - 1367 - 1368 - 1369 - 1370 - 1371 - 1372 - 1373 - 1374 - 1375 - 1376 - 1377 - 1378 - 1379 - 1380 - 1381 - 1382 - 1383 - 1384 - 1385 - 1386 - 1387 - 1388 - 1389 - 1390 - 1391 - 1392 - 1393 - 1394 - 1395 - 1396 - 1397 - 1398 - 1399 - 1400 - 1401 - 1402 - 1403 - 1404 - 1405 - 1406 - 1407 - 1408 - 1409 - 1410 - 1411 - 1412 - 1413 - 1414 - 1415 - 1416 - 1417 - 1418 - 1419 - 1420 - 1421 - 1422 - 1423 - 1424 - 1425 - 1426 - 1427 - 1428 - 1429 - 1430 - 1431 - 1432 - 1433 - 1434 - 1435 - 1436 - 1437 - 1438 - 1439 - 1440 - 1441 - 1442 - 1443 - 1444 - 1445 - 1446 - 1447 - 1448 - 1449 - 1450 - 1451 - 1452 - 1453 - 1454 - 1455 - 1456 - 1457 - 1458 - 1459 - 1460 - 1461 - 1462 - 1463 - 1464 - 1465 - 1466 - 1467 - 1468 - 1469 - 1470 - 1471 - 1472 - 1473 - 1474 - 1475 - 1476 - 1477 - 1478 - 1479 - 1480 - 1481 - 1482 - 1483 - 1484 - 1485 - 1486 - 1487 - 1488 - 1489 - 1490 - 1491 - 1492 - 1493 - 1494 - 1495 - 1496 - 1497 - 1498 - 1499 - 1500 - 1501 - 1502 - 1503 - 1504 - 1505 - 1506 - 1507 - 1508 - 1509 - 1510 - 1511 - 1512 - 1513 - 1514 - 1515 - 1516 - 1517 - 1518 - 1519 - 1520 - 1521 - 1522 - 1523 - 1524 - 1525 - 1526 - 1527 - 1528 - 1529 - 1530 - 1531 - 1532 - 1533 - 1534 - 1535 - 1536 - 1537 - 1538 - 1539 - 1540 - 1541 - 1542 - 1543 - 1544 - 1545 - 1546 - 1547 - 1548 - 1549 - 1550 - 1551 - 1552 - 1553 - 1554 - 1555 - 1556 - 1557 - 1558 - 1559 - 1560 - 1561 - 1562 - 1563 - 1564 - 1565 - 1566 - 1567 - 1568 - 1569 - 1570 - 1571 - 1572 - 1573 - 1574 - 1575 - 1576 - 1577 - 1578 - 1579 - 1580 - 1581 - 1582 - 1583 - 1584 - 1585 - 1586 - 1587 - 1588 - 1589 - 1590 - 1591 - 1592 - 1593 - 1594 - 1595 - 1596 - 1597 - 1598 - 1599 - 1600 - 1601 - 1602 - 1603 - 1604 - 1605 - 1606 - 1607 - 1608 - 1609 - 1610 - 1611 - 1612 - 1613 - 1614 - 1615 - 1616 - 1617 - 1618 - 1619 - 1620 - 1621 - 1622 - 1623 - 1624 - 1625 - 1626 - 1627 - 1628 - 1629 - 1630 - 1631 - 1632 - 1633 - 1634 - 1635 - 1636 - 1637 - 1638 - 1639 - 1640 - 1641 - 1642 - 1643 - 1644 - 1645 - 1646 - 1647 - 1648 - 1649 - 1650 - 1651 - 1652 - 1653 - 1654 - 1655 - 1656 - 1657 - 1658 - 1659 - 1660 - 1661 - 1662 - 1663 - 1664 - 1665 - 1666 - 1667 - 1668 - 1669 - 1670 - 1671 - 1672 - 1673 - 1674 - 1675 - 1676 - 1677 - 1678 - 1679 - 1680 - 1681 - 1682 - 1683 - 1684 - 1685 - 1686 - 1687 - 1688 - 1689 - 1690 - 1691 - 1692 - 1693 - 1694 - 1695 - 1696 - 1697 - 1698 - 1699 - 1700 - 1701 - 1702 - 1703 - 1704 - 1705 - 1706 - 1707 - 1708 - 1709 - 1710 - 1711 - 1712 - 1713 - 1714 - 1715 - 1716 - 1717 - 1718 - 1719 - 1720 - 1721 - 1722 - 1723 - 1724 - 1725 - 1726 - 1727 - 1728 - 1729 - 1730 - 1731 - 1732 - 1733 - 1734 - 1735 - 1736 - 1737 - 1738 - 1739 - 1740 - 1741 - 1742 - 1743 - 1744 - 1745 - 1746 - 1747 - 1748 - 1749 - 1750 - 1751 - 1752 - 1753 - 1754 - 1755 - 1756 - 1757 - 1758 - 1759 - 1760 - 1761 - 1762 - 1763 - 1764 - 1765 - 1766 - 1767 - 1768 - 1769 - 1770 - 1771 - 1772 - 1773 - 1774 - 1775 - 1776 - 1777 - 1778 - 1779 - 1780 - 1781 - 1782 - 1783 - 1784 - 1785 - 1786 - 1787 - 1788 - 1789 - 1790 - 1791 - 1792 - 1793 - 1794 - 1795 - 1796 - 1797 - 1798 - 1799 - 1800 - 1801 - 1802 - 1803 - 1804 - 1805 - 1806 - 1807 - 1808 - 1809 - 1810 - 1811 - 1812 - 1813 - 1814 - 1815 - 1816 - 1817 - 1818 - 1819 - 1820 - 1821 - 1822 - 1823 - 1824 - 1825 - 1826 - 1827 - 1828 - 1829 - 1830 - 1831 - 1832 - 1833 - 1834 - 1835 - 1836 - 1837 - 1838 - 1839 - 1840 - 1841 - 1842 - 1843 - 1844 - 1845 - 1846 - 1847 - 1848 - 1849 - 1850 - 1851 - 1852 - 1853 - 1854 - 1855 - 1856 - 1857 - 1858 - 1859 - 1860 - 1861 - 1862 - 1863 - 1864 - 1865 - 1866 - 1867 - 1868 - 1869 - 1870 - 1871 - 1872 - 1873 - 1874 - 1875 - 1876 - 1877 - 1878 - 1879 - 1880 - 1881 - 1882 - 1883 - 1884 - 1885 - 1886 - 1887 - 1888 - 1889 - 1890 - 1891 - 1892 - 1893 - 1894 - 1895 - 1896 - 1897 - 1898 - 1899 - 1900 - 1901 - 1902 - 1903 - 1904 - 1905 - 1906 - 1907 - 1908 - 1909 - 1910 - 1911 - 1912 - 1913 - 1914 - 1915 - 1916 - 1917 - 1918 - 1919 - 1920 - 1921 - 1922 - 1923 - 1924 - 1925 - 1926 - 1927 - 1928 - 1929 - 1930 - 1931 - 1932 - 1933 - 1934 - 1935 - 1936 - 1937 - 1938 - 1939 - 1940 - 1941 - 1942 - 1943 - 1944 - 1945 - 1946 - 1947 - 1948 - 1949 - 1950 - 1951 - 1952 - 1953 - 1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025 - 2026 - 2027 - 2028 - 2029 - 2030 - 2031 - 2032 - 2033 - 2034 - 2035 - 2036 - 2037 - 2038 - 2039 - 2040 - 2041 - 2042 - 2043 - 2044 - 2045 - 2046 - 2047 - 2048 - 2049 - 2050 - 2051 - 2052 - 2053 - 2054 - 2055 - 2056 - 2057 - 2058 - 2059 - 2060 - 2061 - 2062 - 2063 - 2064 - 2065 - 2066 - 2067 - 2068 - 2069 - 2070 - 2071 - 2072 - 2073 - 2074 - 2075 - 2076 - 2077 - 2078 - 2079 - 2080 - 2081 - 2082 - 2083 - 2084 - 2085 - 2086 - 2087 - 2088 - 2089 - 2090 - 2091 - 2092 - 2093 - 2094 - 2095 - 2096 - 2097 - 2098 - 2099 - 2100 - 2101 - 2102 - 2103 - 2104 - 2105 - 2106 - 2107 - 2108 - 2109 - 2110 - 2111 - 2112 - 2113 - 2114 - 2115 - 2116 - 2117 - 2118 - 2119 - 2120 - 2121 - 2122 - 2123 - 2124 - 2125 - 2126 - 2127 - 2128 - 2129 - 2130 - 2131 - 2132 - 2133 - 2134 - 2135 - 2136 - 2137 - 2138 - 2139 - 2140 - 2141 - 2142 - 2143 - 2144 - 2145 - 2146 - 2147 - 2148 - 2149 - 2150 - 2151 - 2152 - 2153 - 2154 - 2155 - 2156 - 2157 - 2158 - 2159 - 2160 - 2161 - 2162 - 2163 - 21



Nous, peuples des Nations Unies



Nous, peuples

Résolu

à préserver les générations futures du fléau de la guerre qui deux fois en l'espace d'une vie humaine a infligé à l'humanité d'indescriptibles souffrances, à proclamer à nouveau notre foi dans les droits fondamentaux de l'homme, dans la dignité et la valeur de la personne humaine, dans l'égalité de droits des hommes et des femmes, ainsi que des nations, grandes et petites, à créer les conditions nécessaires au maintien de la justice et du respect des obligations nées des traités et autres sources du droit international, à favoriser le progrès social et instaurer de meilleures conditions de vie dans une liberté plus grande,

Et à ces fins

à pratiquer la tolérance, à vivre en paix l'un avec l'autre dans un esprit de bon voisinage, à unir nos forces pour maintenir la paix et la sécurité internationales, à accepter des principes et instituer des méthodes garantissant qu'il ne sera pas fait usage de la force des armes, sauf dans l'intérêt commun, à recourir aux institutions internationales pour favoriser le progrès économique et social de tous les peuples,

Avons décidé d'associer nos efforts pour réaliser ces desseins.

En conséquence, nos Gouvernements respectifs, par l'intermédiaire de leurs représentants, réunis en la ville de San Francisco, et munis de pleins pouvoirs reconnus en bonne et due forme, ont adopté la présente Charte des Nations Unies et établissent par les présentes une organisation internationale qui prendra le nom de Nations Unies.

Préambule de la Charte des Nations Unies
Préambule du Traité de l'Organisation de l'Amérique
du Nord-Ouest de l'Amérique Latine, Amérique
du Nord-Ouest et des Caraïbes









AQUI DENTRO CABEM:
AVENTURAS
HERÓIS E VILÕES
culinária
romance
FANTASIA
 finais felizes
SUSPENSE
HISTÓRIA
E MUITO MAIS

Lia Levi
La portinaia Apollonia

DISEGNI — EMANUELA ORCIARI

CATÁLOGO
GERAL 2015





Logo no título, uma ambiguidade: em que sentido é esta história verdadeira? Verdadeira para que um certo modelo de leitor pergunte: «Isto aconteceu mesmo?» Ou para que outro modelo, mais experiente, reconheça a parábola e assinta na sua verdade?

A intenção retórica de David McKee é motivacional ou enfática? Tudo depende do leitor e da sua relação com o referente: o poder. A história conta-se brevemente: seis homens procuram um lugar para viver em paz. Ao encontrá-lo prosperam e começam a temer serem roubados. Daí à formação de um exército é um pulo e ao domínio dos outros pela força um sucesso surpreendente. O ciclo é claro: a posse leva ao medo da perda, o medo da perda ao reforço do poder, o poder ao prazer de dominar o outro e este ao desejo de continuar a ter cada vez mais.

McKee descreve com mestria cada um dos momentos, numa economia de texto que destaca sensações ou convicções injustificadas por qualquer contexto. Essa perspectiva isolada faz daquele grupo de homens um paradigma e da sua ação uma ação moral.

Mas, para que o leitor não ceda a nenhuma tentação maniqueísta e não identifique aquele como um grupo marginal, o autor acrescenta um novo grupo à história, o que vive do outro lado do rio e se sente ameaçado graças ao testemunho dos que ali chegam, fugidos das terras conquistadas e administradas pelos seis homens. É razão suficiente para montar um exército? A sua organização soa muito mais

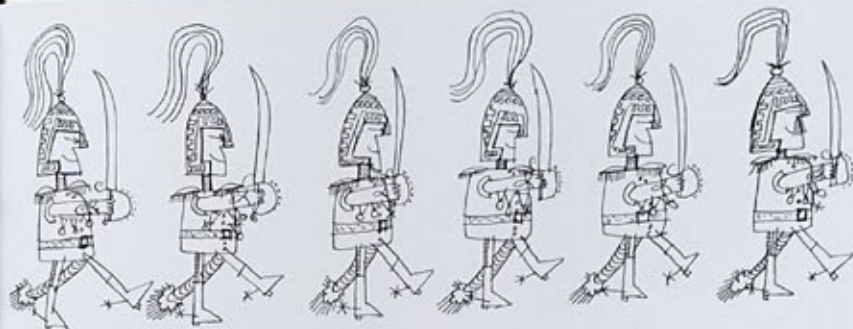
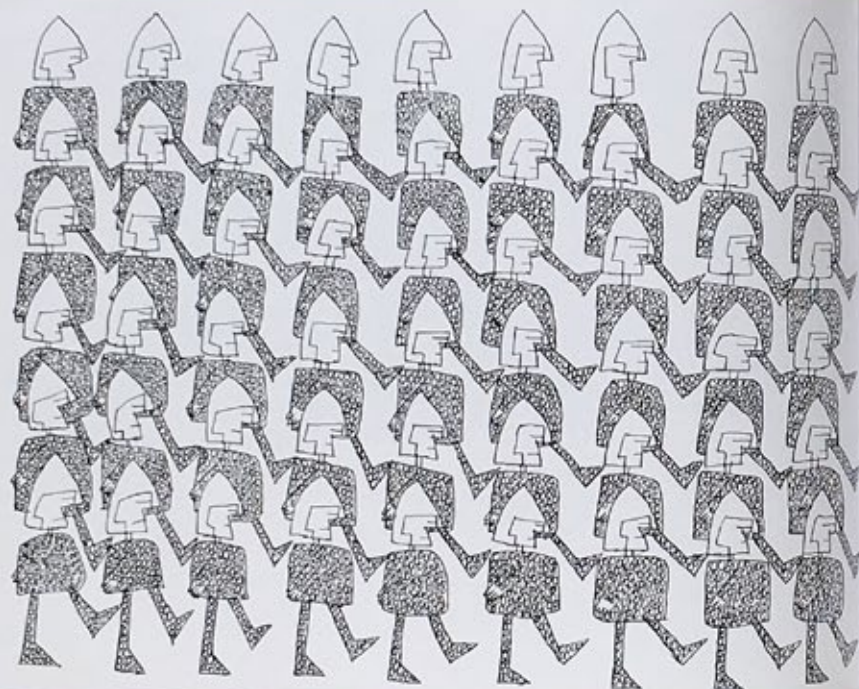
História verdadeira e triste dos seis homens que procuravam a paz **David McKee** **Nuvem de Letras**



equilibrada e agora a ameaça existe. Todavia, o que desencadeia a guerra mais não é do que um acaso, uma falácia, um erro de juízo. E todos morrem. Ou quase todos, para que o ciclo recomece. Apesar de ser um título assumidamente implicado do ponto de vista moral, não é de todo uma surpresa na obra do autor inglês, nascido em 1935. «Elmer», a sua personagem mais famosa, é um modelo da diferença, e *Agora não, Duarte!* retrata com implacável ironia o risco da indiferença a que muitas vezes os pais sujeitam os filhos. O que se destaca neste livro ilustrado é a força do tema e a segura textual, que lhe dá ainda mais força retórica. O mesmo

acontece com a ilustração, apenas a traço negro, plena de paralelismos, panorâmicas espaciais, como se de um jogo se tratasse e as ilustrações mais não fossem do que retratos visuais clarificadores das instruções. Nas figuras destacam-se elementos associados ao trabalho e à guerra e, apesar de cada homem ter características faciais distintas, a sua expressão corporal é idêntica. A indiferenciação dos soldados, assim como dos agricultores, ou mesmo dos seis homens, é inevitável e contribui para a construção da parábola universal contra os efeitos destrutivos do poder e a arbitrariedade da guerra.

Publicado pela primeira vez em 1972, foi assumidamente pensado como um manifesto. McKee assume aliás que muitos dos seus livros refletem, embora não de forma consciente, situações vivenciadas pelo autor ou sobre as quais deseja ter uma palavra a dizer. A personagem Elmer, por exemplo, está associada a um episódio na rua, em que a sua filha foi discriminada. Em 2003, nasceu *Elmer and the Hippos* que reflete sobre a questão da imigração. Mais recentemente, *Denver* provocou polémica acerca do valor da caridade e da ideologia política que lhe preside, quando o autor plasma neste livro uma visão crítica e negativa das utopias fundadoras do socialismo e do comunismo. Quem acredita que os livros de receção infantil servem para alguma coisa e que essa coisa é, à vez, divertir e ensinar, nunca se cruzou com este autor. E, concordando ou discordando dele, devia.



Foi assim que os seis homens conquistaram mais e mais terras
e mais e mais riquezas.
Como precisavam de cada vez mais soldados,
formaram um incrível e corajoso exército
com os primeiros seis soldados como capitães.

Por sorte, o leite
Neil Gaiman
Skottie Young
Presença



Ler *Por sorte, o Leite* ressoa a algo familiar: a desculpa detalhadamente esculpida para justificar uma falta imperdoável. Neil Gaiman escolhe o recurso do humor, como aliás acontecera com Davide Cali em *Não fiz os trabalhos de casa porque...* (Orfeu Negro). A hipérbole sistemática e o acontecimento inverosímil constituem os dois principais elementos que sustentam a carga cómica da narrativa, mas o que lhe confere surpresa logo à partida é o agente dessa mirabolante aventura: o pai.

A história resume-se assim: a mãe ausenta-se de casa em trabalho e os dois filhos, um rapaz e uma rapariga, ficam a cargo do pai. Este recebe da mãe um conjunto de instruções domésticas que levantam logo algumas dúvidas sobre a sua capacidade de gerir com autonomia a situação. Ora o conflito surge na manhã seguinte à da partida da mãe, quando os irmãos se preparam para tomar o pequeno-almoço e verificam que não há leite. O pai presta-se a ir comprá-lo à mercearia da esquina e demora uma eternidade. Quando regressa, traz consigo uma história fantástica. O pai tinha sido raptado por um ser do passado que por sua vez estava na posse de uma máquina do tempo. A viagem é mirabolante, entre extraterrestres, piratas, dinossauros, vampiros, póneis, rituais, sacrifícios, vulcões em erupção, naves vindas de outros planetas e um balão de ar quente. Entre Júlio Verne, o Parque Jurrássico e o Regresso ao Futuro, há de tudo um pouco. De aventura em aventura, o pai narrador alimenta um ritmo alucinante, a

espaços entrecortado, infelizmente para si, por algumas questões do auditório atento composto pelos dois filhos relutantes, algures na cozinha onde esperaram e desesperaram pelo leite. Depois de correr muitos riscos, arriscar estratégias que podiam levá-lo à morte certa, e de usar o próprio leite como escudo protetor, o pai consegue regressar. O leitor fica quase tão cansado a ler como a imaginar a personagem a narrar em catadupa todas as adversidades. De tal forma que quase se perde no emaranhado de factos, impossíveis de reter. Será então um exercício lúdico do escritor? É no detalhe que a narrativa se revela.

As inferências parecem tão naturais e imediatas que soam irrelevantes. Mas não o são de todo. Afinal que pai é este: irresponsável, divertido, conhecedor do imaginário dos filhos, infantil ele próprio, desatento, astuto, corajoso? Que pai precisa de inventar uma aventura mirabolante para justificar um atraso perante os filhos? Não bastaria dizer que estava muita gente, ou que não havia leite naquela mercearia?

A narrativa tem dois desfechos: o da aventura e o que revela a reação dos filhos. E esse é o momento climático que ilumina a diegese: «Olhei para a minha irmã e a minha irmã olhou para mim./ Depois olhámos ambos para aquilo que se encontrava na cozinha./ Olhámos para o calendário na parede, que tinha fotografias de balões de ar quente. Olhámos para os meus modelos de dinossauros e para os póneis da minha irmã, para os livros de vampiros da minha irmã, para o desenho de um vulcão que eu pintara no ano passado quando ainda era um miúdo e que ainda está pendurado na parede ao lado do frigorífico.» (P. 118) Ali estavam as provas de que toda a história que o pai contara tinha sido inspirada no que via ali, e de que nada era verdade.

A inversão de papéis, com as crianças a resistirem à volúpia da imaginação e o pai a aceitar o papel de descrédito e irresponsabilidade, alimenta uma ironia pessimista. Mas Gaiman volta a virar o jogo e a ilustração final de Skottie Young deixa tudo em aberto. Porque nada é óbvio nem sequer é o que parece. Neste caso, para felicidade de todos.

— Ups — disse o Professor Estego. — Exagerei um bocadinho. Mas foi apenas por uma semana. Espera aí...

O Professor Estego inclinou-se sobre o cesto.

— Desculpem! — gritou ele. — Está alguém aí em baixo?

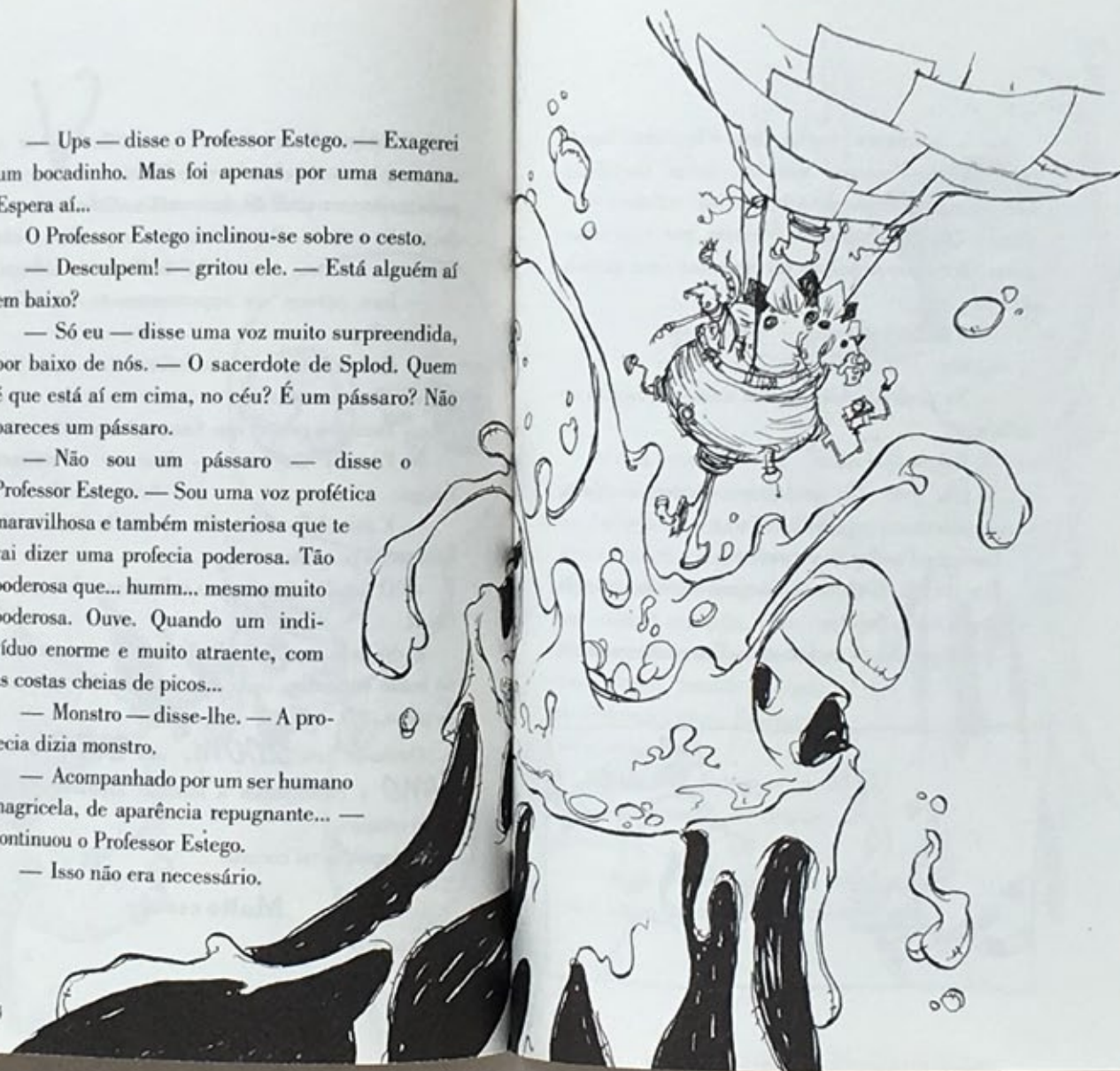
— Só eu — disse uma voz muito surpreendida, por baixo de nós. — O sacerdote de Splod. Quem é que está aí em cima, no céu? É um pássaro? Não parece um pássaro.

— Não sou um pássaro — disse o Professor Estego. — Sou uma voz profética maravilhosa e também misteriosa que te vai dizer uma profecia poderosa. Tão poderosa que... humm... mesmo muito poderosa. Ouve. Quando um indivíduo enorme e muito atraente, com as costas cheias de picos...

— Monstro — disse-lhe. — A profecia dizia monstro.

— Acompanhado por um ser humano magricela, de aparência repugnante... — continuou o Professor Estego.

— Isso não era necessário.





SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

CERVANTES EM LISBOA JAVIER RIOYO

ILUSTRAÇÕES DE LIMA DE FREITAS PARA O *ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA*, EDIÇÕES ARTÍSTICAS FÓLIO, 1955



iguel de Cervantes passou dois anos felizes e misteriosos em Portugal. Conheceu amores e decepções. Entre a primavera de 1581 e a de 1583, reside, com algumas ausências, e do modo algo instável, em Portugal, principalmente em Lisboa. Um período da vida do nosso génio que, apesar de tudo, continua a ser uma das páginas mais desconhecidas, estudadas, narradas e controversas da sua existência aventureira.

Todos os biógrafos referem a sua permanência como aspirante à corte, na procura dos favores de Filipe II nos primeiros tempos do seu reinado português. E nenhum se detém demoradamente nos trabalhos, nos dias e nas noites do nosso ex-cativo naquela capital do mundo ocidental. Anos de esplendor e conquistas numa cidade que vivia entre o contentamento e o descontentamento, entre o júbilo e a submissão, a chegada mais ou menos pacífica desse novo rei que vinha de Castela. O rei Filipe, aconselhado por Cristóvão de Moura, repartiu bens, concedeu títulos e conquistou com dádivas os seus novos cortesãos.

Miguel, com mais de trinta anos, sem ofício nem benefício, a família endividada por conta do resgate do seu cativo, um coto na mão esquerda – a única «condecoração» pela sua passagem na batalha do Lepanto – e honestas pretensões a ser recompensado, lança-se uma vez mais ao caminho. Para trás ficam a sua complicada família, os seus companheiros de infortúnios e toda uma grei de delinquentes querendo passar por heróis de

batalhas navais. Fanfarrões que pululavam pela corte – que só tinham de Naval, ou de navais¹, segundo Quevedo, o terem comido nabos –, toda uma turbamulta de pretendentes vulgares com os quais o digno e pobre fidalgo Miguel não queria ser confundido. Com todos teve que misturar-se na sua vida errante. Não tardou a dar-se conta de que ele «não servia para a corte». Ainda assim, não deixou de o tentar.

Lisboa estava de quarentena por causa da peste. A cidade enriquecida e dourada pelo ouro da América, adornada pelos tecidos do Oriente, preparava-se para a chegada do novo rei, que esperava na cidade de Tomar. Ali, rodeado pelos seus cortesãos, entre outros Mateo Vázquez, o melhor contacto de Cervantes, o rei sentiu-se desobrigado de rígidas restrições. Despojou-se das suas vestes negras, da austera gola branca plissada e «vestiu-se de forma bizarra, com tecidos ricos e de cores alegres, à portuguesa». O monarca transfigurou-se. Quando chegou a Portugal, as «regateiras e vendedeiras» da Rua Nova disseram: «Que belo rei, que mal empregado nos espanhóis»².

A esse ambiente chegou Miguel. Fascinou-se com a cidade e suas damas. «Para festejos Milão, para amores a Lusitânia». Pretendia conseguir um destino na América ou emprego que lhe desse tempo para as suas paixões poéticas e amorosas. Dos seus moradores, escreve: «São agradáveis, são corteses, são liberais e são enamorados porque são discretos; e que a formosura das suas mulheres admira e apaixonava». Al-

1. «Nabales» no original. Nos séculos de ouro espanhóis a frase «gran batalla naval» era uma espécie de nome de código para mencionar a batalha de Lepanto. Estas palavras eram usadas tão livremente pelos escritores dessa época que Francisco de Quevedo (Madrid, 1580-Villanueva de los Infantes, 1645), faz com elas, no seu romance picaresco *La vida del Buscón*, um trocadilho: «batallas nabales», com o sentido de batalhas de nabos, frequentes ao tempo entre jovens rufiões. (N. T.)

2. «Qué buen rey, qué mal empleado en los castellanos» no original. (N. T.)

guns creem que ali teve a sua filha natural Isabel de Saavedra. Outros o negam, mas ninguém sabe de ciência certa o que fez, como viveu e com quem em Lisboa.

Conseguiu por cem escudos uma missão secreta para Orán e Mostaganem, que cumpriu com celeridade. Regressou a Lisboa para dela prestar contas. E perdemos-lhe o rasto. O seu irmão Rodrigo encontra-o na cidade antes de partir para as guerras com o fim de vencer a oposição ao rei, nos Açores. O sonhador Miguel, incapacitado para o serviço na milícia, veterano e ex-cativo, crê que é tempo de lhe serem concedidos favores reais. Não foi assim, uma vez mais se lhe negam capitania e emprego. Voltará para Madrid. Começará a sua «profissão» de escritor. Aparecerão *La Galatea*, as poesias e as comédias para as arenas teatrais. O dinheiro ser-lhe-ia sempre arredo. E a vida e a literatura esperavam-no com novas ditas e desditas. O cavaleiro andante buscava o seu destino.

Tradução Rita Pais

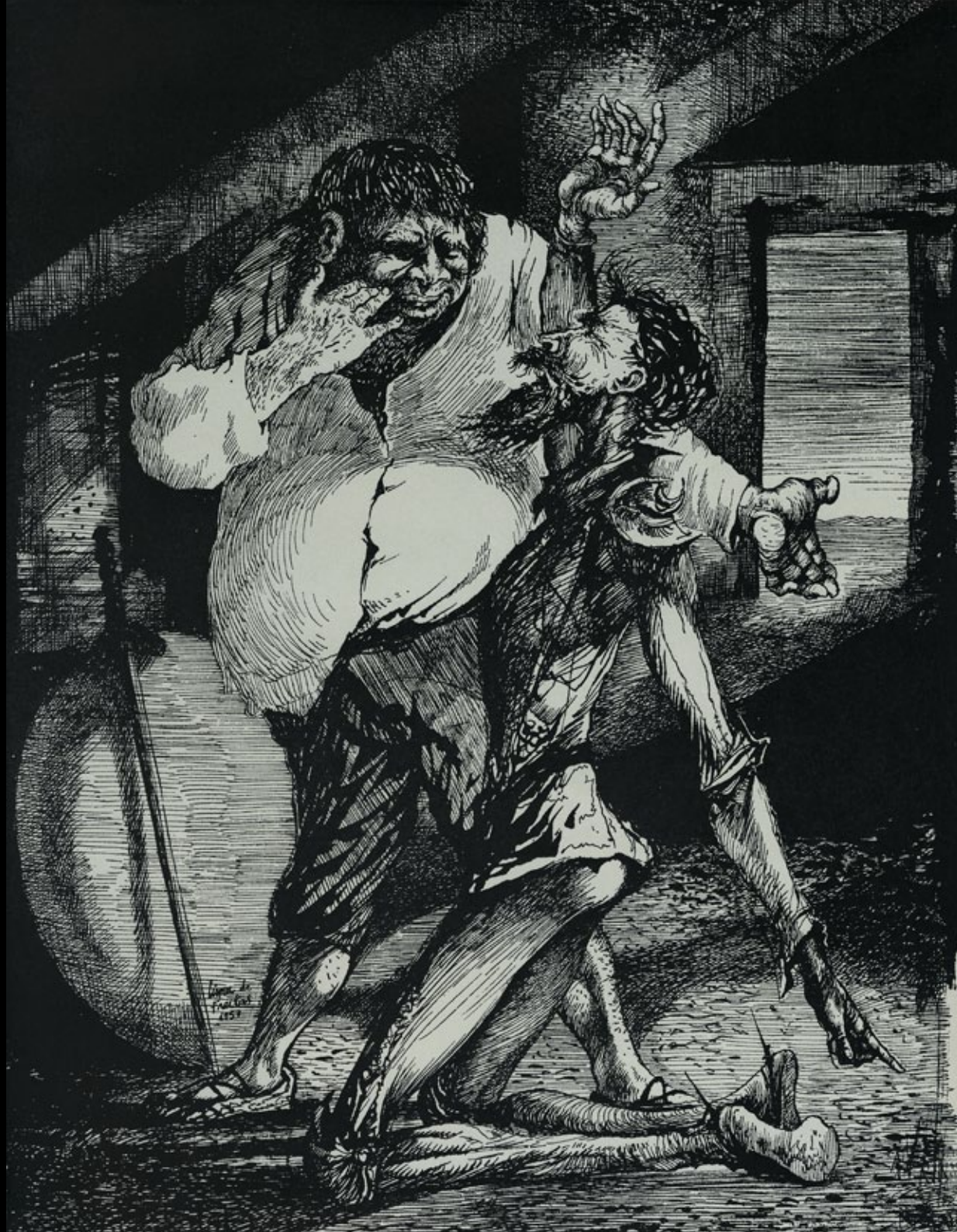
Texto originalmente publicado no suplemento *El País Semana*, do diário espanhol *El País*, no dia 27 de janeiro de 2015

saramaguiana

A OUTRA
RAZÃO
DE ALONSO
QUIJANO
JOSÉ SARAMAGO

ILUSTRAÇÕES DE LIMA DE FREITAS PARA O *ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA*, EDIÇÕES ARTÍSTICAS FÓLIO, 1955

Todos sabemos como a história começa: naquele lugar de La Mancha cujo nome nunca viremos a conhecer, vivia um fidalgo pobre chamado Alonso Quijano que, um dia, em consequência do muito ler e do muito imaginar, passou do juízo à loucura, tão simplesmente como quem abre uma porta e a torna a fechar. Assim o quis Cervantes, acaso porque à mentalidade do seu tempo repugnasse aceitar que um homem em posse plena das faculdades mentais, mesmo sendo apenas uma personagem de romance, decidisse, por um acto de vontade, deixar de ser quem tinha sido para converter-se em outro: graças à loucura, a rejeição das regras do chamado comportamento racional torna-se pacífica, não problemática, uma vez que permitirá desprezar qualquer aproximação ao louco que não proceda em conformidade com as vias que têm a cura como objectivo. Do ponto de vista dos contemporâneos de Cervantes e das personagens do livro, Quijote é louco porque Quijano enlouqueceu. Em momento algum se insinua a suspeita de ser Quijote, tão-somente, ou, pelo contrário, de supremo modo, o *outro* de Quijano. Não obstante, Cervantes tem uma visão muito precisa da irreducibilidade das consequências da mudança de Quijano, tanto assim que reforma e reorganiza de alto a baixo o mundo em que vai entrar essa entidade nova que é Quijote, mudando os nomes e as qualidades de todos os seres e coisas: a estalagem torna-se castelo, os moinhos são gigantes, os rebanhos exércitos, Aldonza transforma-se em Dulcinea, para não falar de um mísero cavalo promovido a épico *Rocinante* e de uma bacia de barbeiro alçada à dignidade de elmo de Mambrino. Já Sancho, tendo embora de viver as aventuras e as imaginações de Quijote, não precisará nunca de enlouquecer nem de mudar de nome: mesmo quando o proclamarem governador

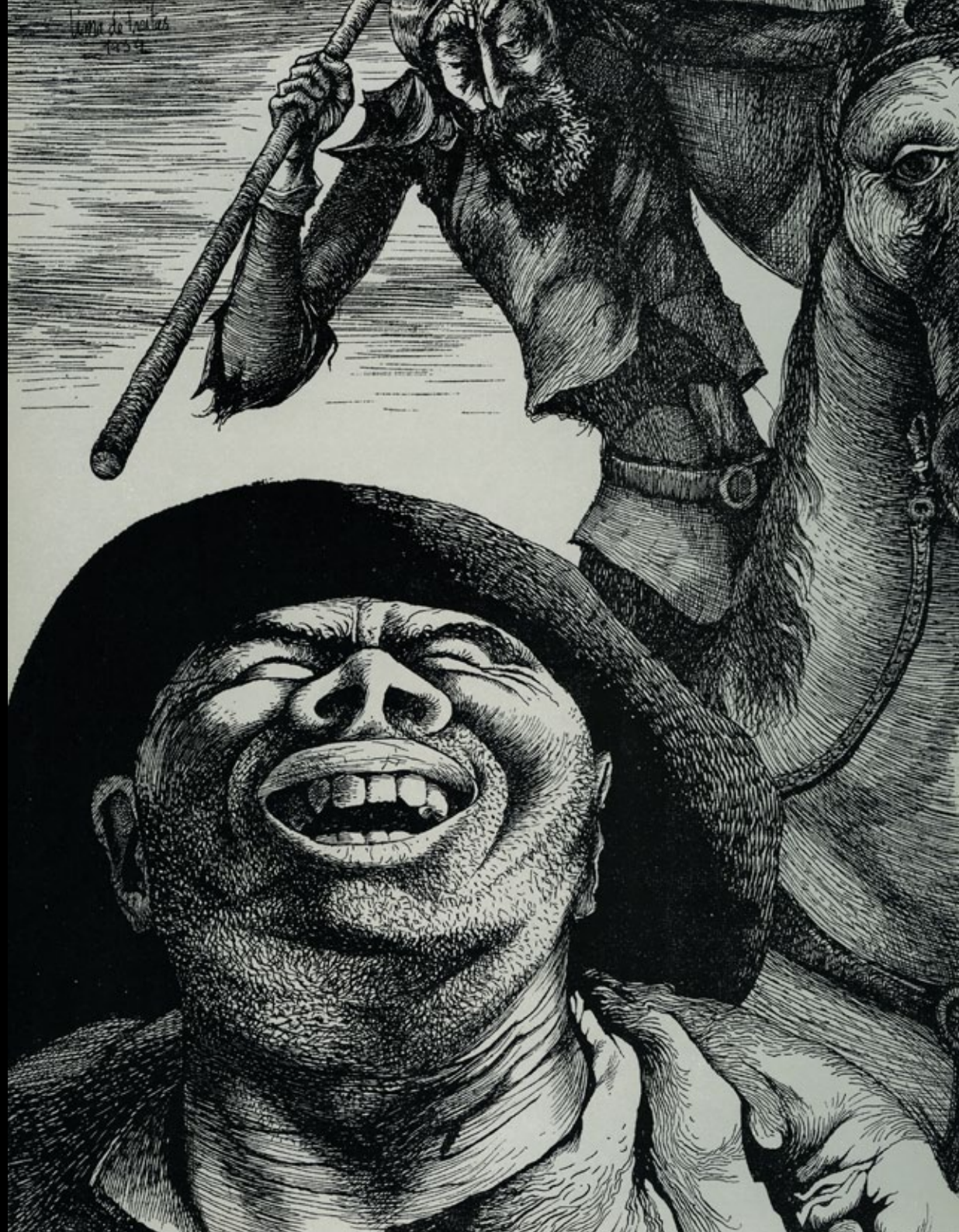


de Bartaria continuará a ser, no físico e no moral, mas sobretudo na sólida identidade que sempre o definiu, Sancho Panza. Nada mais, mas também nada menos.

Que nos diz Cervantes da vida de Alonso Quijano antes que a suposta loucura tivesse transformado o mal favorecido e infatigável cavaleiro a quem as derrotas nunca diminuirão o ânimo, antes parecerá encontrar nelas o alento para o combate seguinte, infinitamente perdido e infinitamente recomeçado? Cervantes, dessa vida enigmática, nada nos quis dizer. E, contudo, Alonso Quijano frisava já os cinquenta anos de idade quando Cervantes o plantou inteiro na primeira página do *Quijote*. Mesmo numa aldeia perdida de La Mancha, tão perdida que nem o seu nome se achou, um homem de cinquenta anos teria tido, por força, uma vida, acidentes, encontros, sentimentos vários. Seus pais, quem foram? De que irmão ou irmã lhe veio a sobrinha? Não teve Alonso Quijano filhos, um varão, por exemplo, que por não ter nascido à sombra do santo sacramento do matrimónio foi deixado ao deus-dará? E a mãe desse filho, quem teria sido? Uma moça de aldeia, barregã por uns tempos, ou apenas tomada de ocasião em tarde de calor, no meio da seara ou atrás de um valado? Conhecemos tudo da vida de D. Quijote de La Mancha, porém nada da vida de Alonso Quijano, no entanto o mesmo homem, primeiro dotado de razão, depois deixado dela, senão, como me parece hipótese mais sedutora, deixada ela por ele, conscientemente, para que Alonso Quijano pudesse, sob a capa de uma loucura que passaria a justificar tanto o sublime como o ridículo, ser enfim outro, para como outro poder viver em outros lugares e fazer da labrega Aldonza (quem sabe se antes mãe de filhos que não foram reconhecidos?) uma puríssima e inalcançável Dulcineia, mudando assim, como numa operação alquímica, o chumbo cinzento em ouro resplandecente.

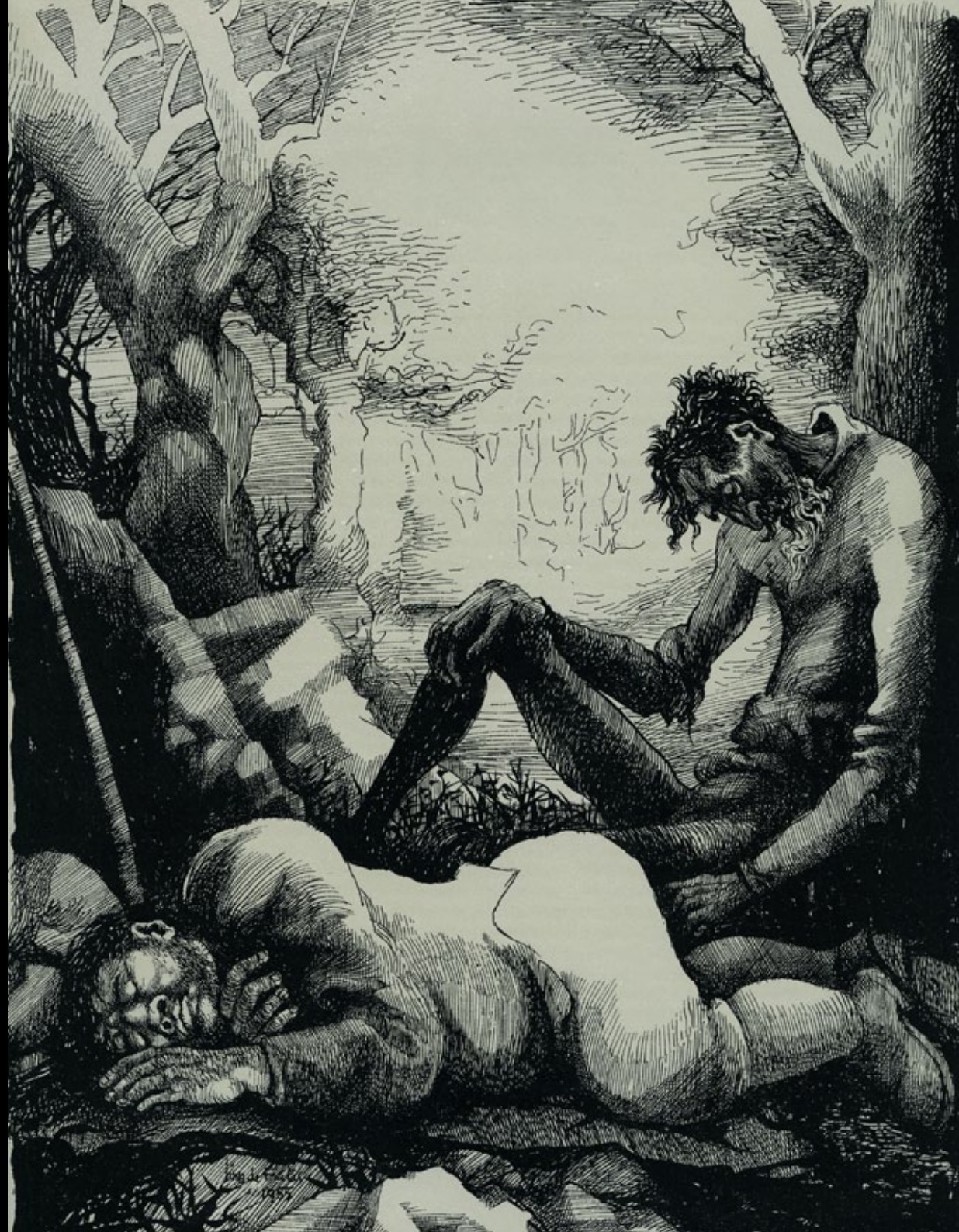
É neste ponto, segundo entendo, que deparamos com a questão crucial. Se Alonso Quijano foi o mero invólucro físico de um delírio mental produzido pelo muito ler o pelo muito imaginar, então não haveria grandes diferenças entre ele e aqueles outros loucos que, dois ou três séculos mais tarde, se tomaram por Napoleão Bonaparte só porque dele ouviram falar, ou acerca dele leram, como capitão, general e imperador. Quanto a mim, prefiro acreditar que, em um dia da sua insignificante vida, Alonso Quijano decidiu ser outra pessoa, e, tendo, por isso mesmo, que colocar-se contra o seu tempo, onde só a *pessoa* Quijano tinha lugar, optou por fazer aquilo que então já ninguém ousaria: restabelecer a ordem da cavalaria andante, pondo ao seu serviço, por inteiro, alma e corpo. Se falasse francês, Quijano poderia ter antecipado, naquele seu momento fundador, o dito célebre de Rimbaud: *la vraie vie est ailleurs*. Pelo menos, imaginemos que, ao deixar a tranquilidade e a segurança da sua casa, grotescamente armado, montado na esquelética cavalgadura, teria proferido, no seu castelhano manchego, estas palavras, postas aqui também na língua de Rimbaud para manter o paralelismo, e que seriam, ao mesmo tempo, uma divisa e um programa: *Le vrai moi est ailleurs*. E foi assim que começou a caminhar, já outro, e portanto à procura de si mesmo.

Este jogo entre um eu (Quijano) que se torna em um outro (Quijote), ponto forte, se posso atrever-me a dizê-lo, desta interpretação, encontra uma simetria recente no conhecido sistema de espelhos, cientemente organizado por Fernando Pessoa, que é constelação heteronímica. Sendo os tempos diferentes, Pessoa não necessitou enlouquecer para se tornar nesses outros Napoleões que são o Álvaro de Campos da *Tabacaria*, o Alberto Caeiro do *Guardador de Rebanhos*, o Ricardo Reis das *Odes*, ou o Bernardo Soares do *Livro do Desassossego*.



Curiosamente, porém (tanto pode, afinal, a suspeita social que pesa sobre aqueles que, de modo directo ou indirecto, aspiraram a retirar-se da humana convivência), o próprio Fernando Pessoa, para dar do seu caso uma explicação que não relevasse da simples vontade de ser outro (ou, mais complexamente, necessidade de não ser quem era), diagnosticou-se a si mesmo como histero-neurasténico, por esta maneira transitando, com perturbador à-vontade, das auras poéticas ao foro psiquiátrico. Isso lhe servirá para explicar os seus heterónimos, atribuindo-se a si mesmo uma «tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação». (Falar de «despersonalização», neste caso, não de uma despersonalização – situação, suponho, em que o poeta, no mesmo instante em que deixa de ser ele próprio, assiste à ocupação do vazio por uma nova entidade poética, tornando portanto a ser *alguém*, na medida em que havia podido tornar-se *outro*).

É interessante observar, repito, como Pessoa nos quer fazer crer na «origem orgânica» dos seus heterónimos, aliás em total e flagrante contradição com a descrição que faz do «nascimento» deles, que mais parece corresponder a uma sequência de lances de um jogo dentro de outro jogo, como caixas chinesas saindo de caixas chinesas: «lembrei-me de inventar um poeta bucólico», «aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir uns discípulos», «arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente», «de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo (Álvaro de Campos)»... É de supor que o aparecimento dos outro heterónimos, ou semi-heterónimos, que foram António Mora, Vicente Guedes ou Bernardo Soares, tenha percorrido caminhos mentais similares e modos de elaboração e definição paralelos. Para fazer um Quijote, Cervantes tinha de levar Quijano à loucura, ao passo que Fernando Pessoa, que já levava dentro



de si a tentação de mil vidas diferentes, e que, de alguma maneira, já era personagem de si mesmo, não podendo enlouquecer deveras e tornar-se, nessa loucura, outro, criou para seu uso e nossa mistificação uma fingida histero-neurastenia, ao abrigo da qual se poderia permitir quantas multiplicações o seu espírito fosse capaz de suportar. Parece claro, pois, que a ironia pessoana se vai exercer em duas direcções distintas: a o leitor, obrigado pelo poder compulsivo de uma expressão artística invulgar a tomar a sério o que é pura mistificação, e a do próprio Pessoa, agente e objecto conscientes dessa mesma mistificação.

Ou muito me engano, ou não é este o caso de Cervantes. É verdade que ele, com aparente frieza e indiferença, parece querer expor, primeiro Quijano e depois Quijote, à irrisão familiar e pública, mas esse homem uno e duplo, Janos bifronte, cabeça de duas caras, de quem o leitor se rirá mil vezes, também será capaz mil vezes de despertar no nosso espírito os mais subteis sentimentos de compaixão e solidariedade, e, como se tal fosse pouco, criar em nós o desejo profundo e irresistível de identificação com alguém como esse Quijote – personagem incorpórea de romance, criatura feita de tinta e papel –, em verdade desprovido de tudo, menos de ansiedade e de sonho. Ainda que não o queira confessar, todo o leitor, no segredo de seu coração, desejaria ser D. Quijote. Talvez pelo facto de ele não ter consciência de seu ridículo e nós vivermos sujeitos a ela em todas as horas lúcidas, mas sobretudo, creio, porque na aventura risível do Cavaleiro da Triste Figura está presente, sempre, o sentido mais dramaticamente interiorizado e mascarado da existência humana: o da sua finitude. Sabemos de antemão que nenhuma das aventuras de Quijote será mortal ou sequer realmente perigosa, que, pelo contrário, cada uma delas será motivo de novas gargalhadas, mas, em contradição com esta tranquilizadora certeza,



que resulta do pacto estabelecido com o Autor desde as primeiras páginas, percebemos que, afinal, Quijote encontra, a cada passo que dá, em permanente risco, como se, em vez de ali ter sido posto por Cervantes para meter a ridículo os romances de cavalaria, fosse a premonitória representação do homem moderno, sem toga nem coturnos, armado de uma razão desfalecente, incapaz de chegar ao outro por não poder conhecer-se a si mesmo, dividido tragicamente entre ser e querer ser, entre ser e ter sido.

Essa razão, porém, a que chamei desfalecente, como um fio que constantemente se parte e cujas pontas dilaceradas constantemente vamos tentando atar, é o único *vademecum*, possível, quer para Quijote quer para esse Sancho/Quijote que é o leitor. Razão de regras instáveis, por certo, mas razão trabalhando em estado de plenitude, ou razão de loucura, se aceitarmos o jogo de Cervantes, mas, tanto num caso como no outro, razão ordenadora, capaz de sobrepor leis novas ao universo das leis velhas apenas por uma introdução metódica de contrários. Pessoa dispersou-se noutros e nessa dispersão, porventura, se reencontrou. Quijano substituiu-se a si mesmo por outro enquanto a morte não chegava para fazer voltar tudo ao princípio, ao primeiro enigma e à primeira tentação: ser alguém que não fosse ele, estar num lugar que não fosse aquele.

Vítima de uma loucura simplesmente humana ou agente de uma vontade sobre-humana de mudança, Quijote procura recriar o mundo, fazê-lo nascer de novo, e morre quando compreende que não bastou ter mudado ele para que o mundo mudasse. É a última derrota de Quijano, a mais amarga de todas, a que não terá salvação. A vontade esgotou-se, não há tempo para enlouquecer outra vez.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



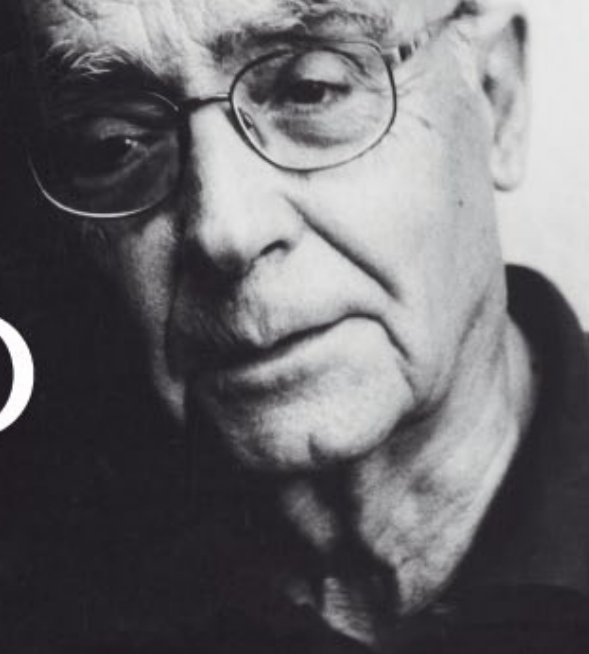
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



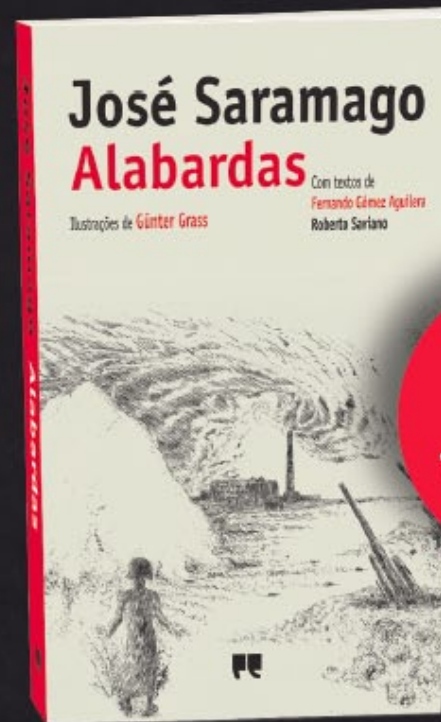
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosésaramago.com



**Até
30 abr****O Impromptu
de Versalhes**

Encenação da
comédia de Molière
onde o próprio
teatro e os seus
processos são
questionados,
satirizados e
criticados.
Lisboa, Teatro
Nacional D. Maria II.

→●

**Até
1 mai****Fazer a Festa**

35.ª edição
do Festival
Internacional de
Teatro do Porto
e da Maia, com
trabalhos de
companhias e
coletivos teatrais
de Portugal, Galiza,
Brasil e Cabo Verde.
Porto e Maia, vários
lugares.

→●

**Até
2 mai****FILBo – FERIA
Internacional
del Libro de
Bogotá**

29.ª edição daquela
que é a segunda
maior feira do livro
da América Latina,
este ano com a
Holanda como
país convidado e
em destaque na
programação.
Bogotá, Corferias.

→●

**Até
6 mai****Malangatana
– Os Anos da
Prisão**

Exposição de
desenhos de
Malangatana,
criados durante
os anos em que
esteve preso em
Moçambique pela
polícia política do
Estado Novo.
Lisboa, Galeria Sala
Branca.

→●

**Até
19 jun****Nós**

Exposição
coletiva de
artistas brasileiros
contemporâneos,
composta por
peças totalmente
criadas com tecido
e linha, a partir
das técnicas do
bordado ou da
costura.
Rio de Janeiro,
Caixa Cultural.

→●

A
B
R
I
L

Até 28 ago

Making Africa

Uma exposição de desenhos de artistas africanos contemporâneos que desfaz clichés sobre a ideia homogénea de uma certa África, contrariando igualmente a visão vitimista que os países do Norte associam ao continente.
Barcelona, Centro de Cultura Contemporània.



Até 10 out

Ulises Carrión – Querido lector. No lea.

Retrospectiva do trabalho de Ulises Carrión, artista mexicano cuja obra passa pelos campos da edição e por uma reflexão profunda sobre as muitas disciplinas e ofícios que nela se cruzam.

Madrid, Museo Reina Sofía.



20 abr a 1 mai

Indie Lisboa

13.ª edição do festival de cinema independente de Lisboa, com várias estreias agendadas e as habituais secções de competição nacional e internacional.
Lisboa, vários lugares.



30 abr

Reencontro

Vinte anos depois de um primeiro trabalho em conjunto, Clara Andermatt, João Fiadeiro, Paulo Ribeiro e Vera Mantero voltam ao palco, numa coreografia de João dos Santos Martins.
Viseu, Teatro Viriato.



12 mai

A RFG con Shakespeare e Cervantes

Concerto da Real Filharmonía de Galiza, narrado e dirigido por Paul Daniel, em homenagem aos dois escritores, quatro séculos passados sobre a sua morte.
Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza.



***Blimunda*, Número
especial anual /
2014, em papel.
disponível
nas livrarias
portuguesas.
Encomendas
através do site loja.
josesaramago.org**

